



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

ROSANA FRANQUETTO PITTA

**O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO *CORPUS* DO PROJETO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: CEARÁ E RIO
GRANDE DO SUL**

Salvador
2022

ROSANA FRANQUETTO PITTA

**O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO *CORPUS* DO PROJETO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: CEARÁ E RIO
GRANDE DO SUL**

Redação final da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA – para cumprimento de créditos do componente curricular PPGLINC001 – Defesa de Mestrado.

Orientador: Professor Doutor Gredson Santos

Salvador
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas
(SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Franquetto Pitta, Rosana

O Alçamento Vocálico no corpus do Projeto Atlas
Linguístico do Brasil: Ceará e Rio Grande do Sul. /
Rosana Franquetto Pitta. -- Salvador, 2022.

85 f. : il

Orientador: Gredson Santos.

Dissertação (Mestrado - MESTRADO EM LÍNGUA E
CULTURA) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto
de Letras, 2022.

1. Alçamento Vocálico. 2. Dialetologia
Pluridimensional. 3. Sociolinguística Quantitativa. 4.
Harmonia Vocálica. 5. Projeto Atlas Linguístico do
Brasil. I. Santos, Gredson. II. Título.

ROSANA FRANQUETTO PITTA

**O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO *CORPUS* DO PROJETO ATLAS
LINGUÍSTICO DO BRASIL: CEARÁ E RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

GREDSO DOS SANTOS - Orientador
Doutor em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

DERMEVAL DA HORA OLIVEIRA – Examinador externo
Doutor em Linguística Aplicada, Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Universidade Federal da Paraíba

JACYRA ANDRADE MOTA – Examinador interno
Doutora em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia

Salvador
2022

AGRADECIMENTO

Este trabalho é fruto de muita dedicação, esforço, anos de leitura e escrita e persistência. Muitas vezes pensei em desistir, em trancar o curso de Pós-Graduação e “dar um tempo” da pesquisa e dos estudos. Mas será que professor algum dia para de estudar? E, assim, fui seguindo: no início, com muita vontade de fazer grandes descobertas; no meio, com longas pausas e “brancos” nas ideias; no fim, com muita gentileza comigo mesma e entendendo que tudo é um processo e que é preciso paciência. No entanto, é necessário agradecer a quem é de direito, afinal, não teria chegado até aqui sem algumas muitas ajudas.

Começo agradecendo a Deus, pelo amparo, pelo amor demonstrado nas pequenas e grandes coisas e por ter me dado a força necessária para seguir. Aos meus pais, por, mesmo de longe (e sem saber exatamente sobre o que eu estudo), sempre perguntarem “*como está a pesquisa?*”. Essas perguntas sempre me faziam lembrar que eu sou uma pesquisadora e que sou capaz de concluir o estudo. Ao meu marido, companheiro, incentivador e parceiro, por sempre acreditar em mim e falar para eu respeitar meu tempo, mas sem desanimar ou desacreditar da minha capacidade.

Agradeço também ao meu seletto grupo de melhores amigas: as amigas que fiz na minha outra graduação (Enfermagem) e que seguem ao meu lado até hoje, comemorando cada pequena e grande vitória. Sempre que eu me sentia triste, bastava mandar uma mensagem e nos encontrávamos para renovar as energias e as conversas. Raquel, Dani e Michele: vocês são as melhores amigas do mundo. Obrigada pelo apoio de sempre. E nesse grupo de melhores amigas, incluo também a amiga que a UFBA me deu, através do Projeto ALiB, e que se tornou parte de todo esse processo: Amanda, obrigada por torcer tanto por mim, por cada palavra de incentivo, por me encontrar sempre que eu precisava desabafar e acreditar que eu iria finalizar a dissertação com sucesso.

Agradeço também ao Projeto ALiB, que chamamos carinhosamente de “família ALiB”, porque nos apoiamos e crescemos juntos. Quanta coisa eu aprendi, quanto eu cresci fazendo parte dessa equipe da regional Bahia. Sou eternamente grata por ter nascido, ali, a pesquisadora Rosana. Em especial, gostaria de agradecer à Professora Silvana Ribeiro, por ter me apresentado o Projeto durante as aulas de Morfologia: não havia uma aula sequer que ela não fizesse “propaganda” do ALiB. E então, houve a seleção de bolsistas, na qual me inscrevi para trabalhar ao lado dela, com léxico. Fui aprovada, mas em outra linha: para trabalhar com fonética, ao lado de um nome bastante

conhecido na universidade e que inspirava respeito e admiração: Professora Jacyra Mota. Foram dois anos ao lado dela, aprendendo tudo o que sei sobre pesquisa, sobre fonética e fonologia, sobre escrita de textos acadêmicos, sobre formatação ABNT e, acima de tudo, sobre excelência na pesquisa. Pró Jacyra, eu jamais terei palavras para agradecer por tudo o que me ensinou, pela paciência, pela compreensão, por acreditar em mim e pela disponibilidade de sempre me ajudar a evoluir.

Agradeço também ao meu orientador, professor Gredson Santos: nos conhecemos já na pós-graduação, no papel de orientanda e orientador. E, apesar de não conhecer meu trabalho, me recebeu de braços abertos e aceitou orientar este trabalho. Obrigada por todas as correções, dicas, chamadas de voz e vídeo para suprir as orientações presenciais em meio à pandemia e pelo profissionalismo e apoio, em especial na reta final da caminhada. Seu olhar atento me fez enxergar questões importantes para o trabalho e que estavam passando despercebidas.

Ainda sobre a família ALiB, gostaria de deixar um agradecimento especial a minha querida Ana Rita Carvalho, um exemplo de profissionalismo e de gentileza. Obrigada por sempre perguntar pelo trabalho, por me dar forças quando pensei em desistir e por torcer por mim. Em caráter especial, agradeço, também, às professoras Suzana Cardoso e Ana Regina Teles, por todos os ensinamentos, risos, histórias contadas e por serem exemplos de ser humano e profissional. Ao Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, agradeço pela autorização do uso dos dados recolhidos pelo Projeto.

Por fim, agradeço a todas as professoras, bolsistas e colegas que tive a honra de conhecer e trabalhar no ALiB: vocês impactaram profundamente minha vida e fazem parte de toda essa história. Nos vemos por aí.

*“A ideia de perfeição constitui uma
imperfeição humana.”
(Carlos Drummond de Andrade)*

RESUMO

PITTA, Rosana F. **O alçamento vocálico no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Ceará e Rio Grande do Sul.** 2022. 83f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

A presente dissertação apresenta uma análise do fenômeno do alçamento vocálico no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em duas áreas geográficas do Brasil: uma do Nordeste, Ceará, e uma do Sul, Rio Grande do Sul. Para a consecução desse objetivo, foram selecionados dados de 6 localidades do Ceará – Ipu, Canindé, Crateús, Russas, Iguatu e Crato - e 6 localidades do Rio Grande do Sul – Três Passos, Vacaria, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Uruguaiana e Chuí -, localidades estas que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB. No total foram analisados 48 inquéritos. A amostra da pesquisa foi composta por entrevistas realizadas *in loco*, pela equipe do ALiB, com um total de 48 informantes estratificados por sexo (masculino e feminino) e faixa etária (I- 18 a 30 anos e II- 50 a 65 anos). A análise possui como embasamento teórico os pressupostos da Dialetoлогия e Geolinguística Pluridimensional Contemporânea e da Sociolinguística Quantitativa. A partir dos dados obtidos, pode-se perceber que o fenômeno do alçamento vocálico é supradialetal e amplamente difundido em todas as regiões, sexos e faixas etárias, sendo a maioria dos casos explicados por questões de ordem linguística, em especial pelo fenômeno da harmonia vocálica. Das variáveis linguísticas, verifica-se que a vogal alta em posição tônica ou átona seguinte se constitui a principal motivação para a ocorrência do fenômeno. Alguns segmentos consonantais, precedentes e subsequentes também favorecem ou desfavorecem o alçamento. Assim, a maioria das variáveis selecionadas pelo programa estatístico Goldvarb 2001 foram de ordem linguística. Quanto às variáveis extralinguísticas, apenas a faixa etária II foi selecionada como favorecedora, porém ao comparar com os números encontrados na faixa etária I, é possível perceber que a diferença é mínima. A diatopia não apresentou resultados significativos, havendo um equilíbrio do número de casos encontrados nos dois estados analisados.

Palavras-chave: Alçamento Vocálico; ALiB; Dialetoлогия Pluridimensional; Sociolinguística Quantitativa; Harmonia Vocálica.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the vowel raising phenomenon in the corpus of the Project Atlas Linguístico do Brasil in two geographic areas of Brazil: one in the Northeast, Ceará, and one in the South, Rio Grande do Sul. To achieve this objective, data from 6 locations in Ceará - Ipu, Canindé, Crateús, Russas, Iguatu and Crato - and 6 locations in Rio Grande do Sul - Três Passos, Vacaria, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Uruguaiana were selected. and Chuí -, locations that are part of the ALiB Project's network of points. In total, 48 surveys were analyzed. The research sample consisted of interviews carried out in loco, by the ALiB team, with a total of 48 informants stratified by sex (male and female) and age group (I- 18 to 30 years and II- 50 to 65 years). The analysis is based on the assumptions of Contemporary Pluridimensional Dialectology and Geolinguistics and Quantitative Sociolinguistics. From the data obtained, it can be seen that the phenomenon of vowel lifting is supradialectal and widespread in all regions, sexes and age groups, with most cases explained by linguistic issues, in particular by the phenomenon of vowel harmony. From the linguistic variables, it appears that the high vowel in the following stressed or unstressed position constitutes the main motivation for the occurrence of the phenomenon. Some consonant segments, precedents and subsequents also favor or disfavor the raising. Thus, most of the variables selected by the Goldvarb 2001 statistical program were linguistic. As for the extralinguistic variables, only age group II was selected as favoring, but when comparing with the numbers found in age group I, it is possible to see that the difference is minimal. Diatopy did not present significant results, with a balance in the number of cases found in the two analyzed states.

Keywords: Vocal Raising; ALiB; Multidimensional Dialectology; Quantitative Sociolinguistics; Vocal Harmony.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência Geral da Ocorrência do Alçamento Vocálico.....	45
Gráfico 2 – Frequência do Alçamento Vocálico em Contexto Anterior: CE.....	46
Gráfico 3 – Frequência do Alçamento Vocálico em Contexto Posterior: CE.....	46
Gráfico 4 – Frequência do Alçamento Vocálico em Contexto Anterior: RS.....	47
Gráfico 5 – Frequência do Alçamento Vocálico em Contexto Posterior: RS.....	47
Gráfico 6 – Distribuição Diatópica do Alçamento Vocálico: CE e RS.....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistema Vocálico Tônico.....	19
Figura 2 – Sistema Vocálico Pretônico.....	19
Figura 3 – Fragmento do Appendix Probi.....	20
Figura 4 – Divisão dialetal de Nascentes (1953).....	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Contextos de análise da vogal pretônica.....	43
Quadro 2 – Vocábulo em que não ocorreu o Alçamento Vocálico (ou ocorreu raramente): vogais anteriores.....	75
Quadro 3 – Vocábulo em que não ocorreu o Alçamento Vocálico (ou ocorreu raramente): vogais posteriores.....	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência Geral da Ocorrência do Alçamento Vocálico.....	44
Tabela 2 – Vogal Anterior: Vogal Tônica.....	51
Tabela 3 - Vogal Anterior: Consoante Subsequente.....	53
Tabela 4 - Vogal Anterior: Posição e Contiguidade.....	55
Tabela 5 – Vogal Anterior: Vogal Átona Seguinte.....	56
Tabela 6 - Vogal Anterior: Consoante Precedente	57
Tabela 7 - Vogal Anterior: Número de Sílabas.....	59
Tabela 8 - Vogal Anterior: Diatopia.....	60
Tabela 9 – Vogal Posterior: Vogal Tônica.....	62
Tabela 10 – Vogal Posterior: Consoante Subsequente.....	63
Tabela 11 - Vogal Posterior: Consoante Precedente.....	65
Tabela 12 – Vogal Posterior: Posição e Contiguidade.....	66
Tabela 13 – Vogal Posterior: Vogal Átona Seguinte.....	67
Tabela 14 – Vogal Posterior: Estrutura Silábica.....	68
Tabela 15 – Vogal Posterior: Número de Sílabas.....	69
Tabela 16 – Vogal Posterior: Diatopia.....	70

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2 O OBJETO EM ESTUDO: O ALÇAMENTO VOCÁLICO	19
2.1 O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL	20
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA .	29
3.1 A DIALETOLOGIA NO BRASIL	30
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
4.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DO PROJETO ALIB	39
4.2 A AMOSTRA EM ESTUDO	40
4.3 AS VARIÁVEIS CONSIDERADAS.....	41
5 ANÁLISE DOS DADOS	45
5.1 A DISTRIBUIÇÃO GERAL DO FENÔMENO NO <i>CORPUS</i>	46
5.1.1 O alçamento no estado do Ceará.....	48
5.1.2 O alçamento no estado do Rio Grande do Sul	49
5.2 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS.....	50
5.2.1 O alçamento da vogal anterior	51
5.2.2 O alçamento da vogal posterior.....	62
5.2.3 Variável Diatópica	72
5.3 ASPECTOS FONOLÓGICOS DO ALÇAMENTO NOS DADOS ESTUDADOS E SÍNTESE DOS RESULTADOS	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente dissertação propõe a análise do fenômeno do alçamento vocálico no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em duas áreas geográficas do país: uma do Nordeste, Ceará, e uma do Sul, Rio Grande do Sul. A razão da escolha dos estados supracitados é o fato de que a autora já vinha estudando o fenômeno no estado do Ceará durante sua iniciação científica. Quanto aos dados do estado do Rio Grande do Sul, estes foram incluídos já que o alçamento foi objeto de estudo da tese de Bisol sobre harmonia vocálica, o que possibilitará uma comparação com os dados encontrados no *corpus* do ALiB. Entender detalhes das características sociolinguísticas e dialetais do fenômeno nos dois estados possibilita verificar se há oposição nordeste x sul quanto à frequência do alçamento, à distribuição dos fatores extralinguísticos e aos fatores linguísticos favorecedores.

Os dados encontrados são confrontados com resultados preliminares sobre as capitais do Brasil, em dados do ALiB (cf. PAIM, 2015; 2016 e MOTA, 2015) e em dois estudos realizados anteriormente nos mesmos estados do presente trabalho: a tese de Leda Bisol (1981), sob o título “Harmonização vocálica: uma regra variável”, com dados do falar gaúcho; e a tese de Aluiza Araújo (2007), sob o título “As vogais pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista”, com dados da fala cearense.

Chega-se, assim, à delimitação do problema: o alçamento é, realmente, um fenômeno que atinge igualmente diferentes áreas do Brasil? Outras questões que movem o estudo são estas: há diferenças entre os dois estados quanto à frequência do alçamento ou quanto aos fatores linguísticos e sociais que o favorecem? O que motiva o aparecimento da vogal alta? O que não permite a ocorrência do alçamento?

Para esta pesquisa, são definidas três hipóteses:

- a) Não há influência significativa da diatopia para a ocorrência do alçamento vocálico, conforme Silva (2008);
- b) O alçamento é regido, na maioria dos casos, por regras intralinguísticas, tais como presença da vogal alta na sílaba tônica, conforme Bisol (1981) e influência de certos segmentos consonânticos precedentes e seguintes;
- c) Alguns fatores de ordem linguística impedem a ocorrência do alçamento vocálico.

O objetivo geral deste estudo é analisar o alçamento vocálico na fala dos informantes que compõem o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em ocorrências como *pratileira/prateleira* e *durmindando/dormindo*, nos estados do Ceará, região Nordeste, e no Rio Grande do Sul, na região Sul. Os objetivos específicos definidos são:

- a) contribuir para a descrição do português falado no Brasil, com dados da variação linguística do ponto de vista fonético e fonológico;
- b) identificar as diferenças entre os dois estados, de regiões diferentes, quanto à frequência do alçamento ou quanto aos fatores linguísticos e sociais que o favorecem;
- c) comparar os resultados encontrados no *corpus* do Projeto ALiB com os dados encontrados em diversos estudos realizados por outros pesquisadores, especialmente aqueles com dados das duas áreas analisadas, como o de Bisol (1981) e de Araújo (2007);
- d) analisar as motivações intralinguísticas para a ocorrência do alçamento.

O estudo foi orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e da Sociolinguística. Deste modo, neste estudo, propõe-se uma investigação dialectológica com perspectiva sociolinguística centrada no fenômeno fonético do alçamento vocálico. A variação entre vogais médias abertas e fechadas é um dos fatos vistos como importantes para a delimitação de áreas dialetais no português do Brasil, desde a proposta de divisão dialetal apresentada por Nascentes (1953 [1922]), na qual ele propôs haver no país duas grandes áreas dialetais: os falares do Norte e os falares do Sul. Nos falares do Norte, de predominância das vogais médias abertas, estão inseridos os subfalares nordestino e amazônico, e nos falares do Sul, de predominância das vogais médias fechadas, os subfalares sulista, fluminense, mineiro e baiano (intermediário entre os dois grupos). Além do timbre aberto ou fechado, há, ainda, uma terceira possibilidade de realização das vogais médias: o alçamento vocálico.

O processo de alçamento, no qual a vogal média (/e, o/) é realizada como vogal alta ([i, u]), é explicado por Silva (2008) por uma regra supradialetal, variável, a Regra Variável de Elevação (RVE), responsável por alternâncias no português do Brasil. Essa tendência de harmonização já foi constatada por outros pesquisadores, como Bisol (1981) no falar gaúcho, e não se apresenta como um traço diferenciador entre a pronúncia do Norte e a pronúncia do Sul, mas, segundo Hora (1998), como um ponto de convergência nesse ambiente de variação dialetal. O alçamento, em grande parte dos casos, é, então,

favorecido pela presença de vogal alta na sílaba tônica, num processo de harmonização vocálica, como, por exemplo, em *prisilha/presilha* e *assubio/assobio*, ou devido à influência de uma vogal alta na sílaba seguinte, como em *mistruação/menstruação*.

Toda língua viva está sujeita à variação e, logo, à mudança. O português falado no Brasil, em seus mais de 500 anos, recebeu influência de diversas outras línguas, transformando-se em um português com características próprias e que difere em muito daquele falado na Europa.

Segundo Mattos e Silva (2016), a realidade do português brasileiro é heterogênea, plural e polarizada, convivendo, assim, no país, as *normas vernáculas* ou o *português popular brasileiro*; as *normas cultas* ou o *português culto brasileiro* e a *norma padrão* (grifo da autora). Essa diversidade linguística é uma marca do Brasil e é necessário estudá-la e analisá-la de forma aprofundada e sistemática, a fim de documentar a história refletida em nossa língua.

A relevância de se compararem os dados do *corpus* do Projeto ALiB com os dados de outras pesquisas é a possibilidade de estabelecer semelhanças e diferenças entre os dois estados a serem estudados. Além disso, ao pesquisar sobre a variação no português do Brasil e divulgar os resultados do estudo, é possível contribuir para a desmistificação da falsa ideia de homogeneidade linguística que leva ao pressuposto de que existe o jeito “certo” e o jeito “errado” de falar, combatendo, assim, o preconceito linguístico.

Ressalta-se que este trabalho pode contribuir com o estudo dos dados recolhidos do interior do Ceará e do Rio Grande do Sul e que poderão ser acolhidos pelos novos volumes do Atlas Linguístico do Brasil, os quais descreverão o interior dos estados.

Para a organização do trabalho, foram definidas seis seções, iniciada por esta parte introdutória, à qual se seguem: 2) *O objeto em estudo: o alçamento vocálico*, 3) *Pressupostos teóricos*, 4) *Metodologia*, 5) *Análise dos dados*, 6) *Considerações finais e as Referências bibliográficas* utilizadas.

Na seção 2, foram discutidos os aspectos referentes ao objeto em estudo: o alçamento vocálico, trazendo de forma breve os principais conceitos ligados à Fonologia e os estudos referentes ao fenômeno em questão no português do Brasil. A seção 3 traz o percurso histórico da Dialectologia no Brasil, seguida de uma breve discussão sobre a Sociolinguística, centrada nos estudos de Labov (1966 e 1972), importantes para o seu estabelecimento enquanto ciência.

Na seção 4, há o detalhamento da metodologia de pesquisa adotada, a descrição da amostra da pesquisa, os questionários utilizados, as localidades analisadas, as variáveis

dependentes e independentes observadas e o tratamento dos dados. As discussões referentes à análise dos dados são trazidas na seção 5, baseadas nos fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados como relevantes para a compreensão do fenômeno. Essa seção está dividida em três subseções: a primeira, com a análise referente ao alicamento da vogam anterior; a segunda, com a análise referente ao alicamento da vogal posterior; e, por fim, a terceira subseção, que trata especificamente dos aspectos fonológicos do alicamento nos dados estudados. Nas considerações finais, seção 6, é feita uma síntese dos resultados encontrados e as possíveis explicações que podem ser suscitadas. São apresentadas também. Ao final da dissertação encontram-se as Referências bibliográficas adotadas na pesquisa.

2 O OBJETO EM ESTUDO: O ALÇAMENTO VOCÁLICO

O surgimento do Estruturalismo, especialmente o Estruturalismo europeu, que teve como figura mais importante Ferdinand Saussure (1857-1913), foi de extrema importância para uma nova abordagem no estudo da língua, fugindo do método que até então se estabelecia como mais influente, o método histórico-comparativo. Embora o estruturalismo não tivesse como aspecto central o estudo dos sons, serviu como base para o que se costuma chamar de Fonologia Estruturalista, ainda que este termo englobe várias correntes distintas.

A Fonologia, segundo Hora e Matzenauer (2017), é um dos ramos da Linguística mais produtivos desde sua gênese no início do século XX, com os estudos de Trubetzkoy, Jakobson e outros. Vários conceitos importantes para a compreensão do que se estuda hoje na Fonologia foram inicialmente abordados através de teóricos estruturalistas: a distinção entre Fonética e Fonologia foi apresentada por Courtney (1845-1929), considerado um dos fundadores da Fonologia Estruturalista. Posteriormente Trubetzkoy (1946), um dos integrantes do Círculo de Praga, apresenta uma nova concepção de fonema, fazendo a distinção entre som como realização e som como representação. Surge, então, a criação de dois campos distintos: a Fonética e a Fonologia (HORA; MATZENAUER, 2017).

Assim, a Fonética passa a se interessar pelo estudo da realização concreta do som, tendo como elemento central o fone; e a Fonologia passa a se interessar pelo estudo daquilo que o falante almeja realizar, da representação do som, tendo como elemento central o fonema. Desses dois conceitos, fone e fonema, surgem outros conceitos importantes, tais como alofone, arquifonema, pares mínimos, traços distintivos etc.

Segundo Matzenauer e Miranda (2017, p. 50 e 51), a Teoria dos Traços estuda e formaliza as unidades mínimas que integram a estrutura interna dos segmentos – os traços distintivos. Estes, compõem a estrutura interna dos segmentos que integram os inventários fonológicos das línguas. Matzenauer (2014, p. 17) afirma que, no nível fonológico, os traços são considerados marcadores classificatórios abstratos, que identificam os itens lexicais da língua.

Tomando como base o modelo estabelecido por Chomsky e Halle (1968), no qual os autores estabelecem um conjunto de traços, distribuídos em diferentes classes, cada segmento fonológico é distinto de outro através de uma série de características

(articulatórias, sonoras, prosódicas etc.) que são marcadas pela presença ou ausência no segmento em análise. Os traços estabelecidos pelos autores foram: Traços de Classes Principais (soante, silábico e consonantal), Traços de Cavidade (coronal e anterior), Traços de Modo de Articulação (contínuo, metástase retardada e tenso), Traços de Fonte (sonoro e estridente) e Traços Prosódicos (acento, tom e duração). Através da atribuição dos traços a cada um dos segmentos fonológicos, é possível, por exemplo, a representação de diversos processos fonológicos, a exemplo da assimilação, que pode ser, assim, explicada através de um processo de espraçamento de traços.

2.1 O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

No Brasil, nos anos de 1970, o sistema fonológico do português é descrito pela primeira vez por Mattoso Câmara Jr., na perspectiva estruturalista. Mattoso Câmara Jr (1970) concebe o fonema como um som vocal que tinha relevância linguística em determinada língua, pois distinguia uma palavra da outra. É importante salientar que todos os níveis de análises que se voltaram à descrição linguística limitaram-se ao rigor descritivista, começando pela fonética, seguida da morfologia e sintaxe. Ele tomou como base o falar carioca, e, após o seu estudo, vários outros surgiram no Brasil, sob diversas perspectivas. Segundo Battisti e Vieira (2014, apud BISOL, 2014, p. 166) “existe no português do Brasil um grande número de regras fonológicas que atuam sobre o sistema vocálico, tanto por razões prosódicas, fonotáticas quanto por razões morfológicas”. E são as vogais médias que, na maioria das vezes, estão no alvo destas regras, alternando o timbre ou a altura.

O sistema vocálico brasileiro, entre eles o subsistema pretônico, é alvo de diversos estudos devido à grande quantidade de fenômenos variáveis às quais as vogais do PB estão sujeitas: alçamento, abaixamento, abertura, fechamento, harmonia vocálica etc. Segundo Bisol (2009, p. 88), “a vogal média é no sistema a vogal mais sujeita à mudança sonora, seja como regra variável seja como regra categórica”. Segundo Magalhães (2019), enquanto o subsistema vocálico pretônico, por sua complexidade e variação, continua foco de investigações diversas, parece não haver maiores dúvidas quanto à consolidação de um conjunto bem definido de sete vogais na posição tônica. Nessa posição, muito raramente essas vogais apresentam variação, exceto em casos como f[e]cho e f[ɛ]cho, [e]xtra e [ɛ]xtra ou casos de plural como [o]vo, [ɔ]vos.

Câmara Jr. (1970), em sua representação triangular do sistema vocálico do português brasileiro, define sete vogais em posição tônica, segundo a figura a seguir:

Figura 1 – Sistema Vocálico Tônico

Altas	/u/	/i/
Médias altas	/o/	/e/
Médias baixas	/ɔ/	/ɛ/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1970)

Já na posição pretônica, essas vogais passam de sete segmentos para apenas cinco, com a “perda” do traço de diferenciação entre as vogais médias abertas e fechadas. Desse modo, é possível escutar, a depender da região na qual o falante se encontra, t[e]l[e]fone ou t[ɛ]l[ɛ]fone; c[o]ração ou c[ɔ]ração.

Figura 2 – Sistema Vocálico Pretônico

Altas	/u/	/i/
Médias altas	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1970)

Essa redução do sistema vocálico em posição átona é interpretada por Câmara Jr. (1970) como um processo de neutralização. Assim, há uma perda do traço distintivo em que dois fonemas são reduzidos a uma só unidade fonológica.

A abertura e o fechamento das vogais médias pretônicas é uma característica do português brasileiro. Embora em algumas regiões do país, como é o caso do Nordeste, seja característica a fala com vogal pretônica aberta, considera-se como formas de base

as vogais médias altas (fechadas), mais difundidas e prestigiadas. Esse fenômeno variável, tão amplamente registrado em nossa língua, é classificado por Cunha (1986) como conservador, com relação às diferenças entre português brasileiro e português europeu.

Diversos estudos já se ocuparam de entender os fatores que levam à ocorrência dessa variação desde a proposta desenvolvida por Nascentes (1953 [1922]) da primeira divisão em áreas dialetais do português do Brasil. De modo geral, Nascentes propôs duas grandes regiões: a região Norte – de prevalência das vogais médias abertas – e a região Sul – de prevalência das vogais médias fechadas. Para além dessas duas possibilidades, há ainda uma terceira, que seria a realização das vogais médias como vogais altas. Nesse fenômeno, a vogal média anterior [e] é produzida como a vogal alta [i], como em *ticido* e *siguro*; e a vogal média posterior [o] é produzida como vogal alta [u], como em *buneca* e *durmindu*. Esse fenômeno, amplamente difundido no português brasileiro e europeu, está registrado desde o latim antigo, em documentos como o *Appendix Probi*, um texto do século IV a. C. que buscava descrever e corrigir os erros mais frequentes da fala latina da época (cf. figura 3). Era tido como um modelo de fala e escrita, indo contra todo e qualquer tipo de variação, visto até então como um erro gramatical.

Figura 3 – Fragmento do Appendix Probi

64 *senatus non sinatus*

126 *effeminatus non imfimenatus*

Fonte: Baehrens (1922, p. 48)

O fenômeno do alçamento vocálico, até então considerado supra diatópico, pode ser explicado, segundo Silva (2008), pela Regra Variável de Elevação – RVE – na qual a vogal média se transforma em vogal alta devido à presença de uma vogal alta na sílaba tônica ou na sílaba seguinte.

Essa elevação da vogal média pretônica é conhecida como alteamento ou alçamento vocálico. No entanto, é necessário que se esclareça que há diferentes situações que provocam essa elevação: a primeira delas, que chamamos de Harmonia Vocálica, ocorre por uma questão de assimilação da presença da vogal alta na sílaba adjacente, tornando alta a vogal média. Esse é considerado o principal motivo que explica os casos de elevação vocálica, sendo a presença da vogal alta na sílaba tônica ou na sílaba seguinte

o principal gatilho para o alteamento de /e/ e /o/. Segundo Bisol (2009, p. 87) “a harmonização vocálica, no português brasileiro, de vivência remota, já atingiu esse grau de regularidade, manifestando-se como uma variação sistemática e estável”.

Uma outra situação que ocorre é o caso de neutralização: há um desligamento de traços de abertura e de preenchimento de outros traços. Em casos como *ispada/espada*, por exemplo, o alçamento, então, ocorre devido a um espriamento de traços da sibilante em direção à vogal média anterior. A articulação do aparelho fonador para a produção do som da sibilante é muito mais próxima da articulação para a realização da vogal alta /i/ do que da vogal média /e/. O mesmo acontece com a nasal, em casos como *inxada/enxada*. (BISOL, 2010). Por fim, há os casos que chamados de alçamento sem motivo aparente, por não ser possível aplicar nenhuma das explicações anteriores.

A explicação para o fenômeno do alçamento se divide, basicamente, entre duas correntes: a dos neogramáticos e a dos difusionistas. Para os neogramáticos, “*a mudança sonora é lexicalmente abrupta e foneticamente gradual*”, ou seja, a fonética seria a condutora dos processos, sendo o som a motivação da mudança. Já para os difusionistas, que têm como principais representantes Cheng e Wang (1977), a implementação da mudança se dá palavra por palavra, de forma gradual, e não por ambiente fonético, ou seja, “*a mudança sonora é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual*.”

Viegas (1987), em seu estudo acerca do dialeto falado em Belo Horizonte, acreditava que o alçamento possivelmente era um processo de difusão lexical e afirmava que

a descrição do fenômeno através de uma regra variável lexicalmente abrupta, como apregoavam os neo-gramáticos, não dá conta da complexidade do processo de alçamento das vogais médias pretônicas, ou seja, a regra variável da gramática ao atuar no léxico sofre restrições deste, restrições não previstas nesta teoria. Os trabalhos a respeito do alçamento até então se basearam em regras categóricas ou em regras variáveis lexicalmente abruptas. Os estudos a respeito da difusão lexical me orientaram no sentido de o alçamento se processar gradualmente através do léxico. (VIEGAS, 1987, p. 168).

Vários estudos já se ocuparam de analisar o fenômeno do alçamento e tentar encontrar, além de explicações fonológicas, razões de natureza extralinguística para a sua ocorrência, visto que ele é tido como supradialetal (cf. SILVA, 2008). Até então, este fenômeno é regido por regras linguísticas, dependente do contexto fonológico ou de aspectos lexicais. Há certos vocábulos que possuem ocorrência categórica para o

alçamento, como é o caso de *pratadeira, minino, durmindo*. Essas realizações podem ser emitidas por homens e mulheres, de qualquer faixa etária e de qualquer região do Brasil.

Segundo Bisol (2009),

a harmonização vocálica, no português brasileiro, de vivência remota, já atingiu esse grau de regularidade, manifestando-se como uma variação sistemática e estável. Documentos que mostram sua regularidade e estabilidade no português brasileiro de norte a sul do País não faltam (Bahia, Silva 1989; Rio Grande do Sul, Bisol 1981, Schwindt, 2002, Casagrande, 2003, e Rio de Janeiro, Callou, Moraes e Leite, 2002, entre outros) É, inegavelmente, uma regra neogramática, dependente do sistema, favorecida por certos contextos, o que não a impede de ser aplicada em contextos menos favorecedores, em virtude de seu caráter variável, sempre, porém, sob a égide de seu condicionador fonético, a vogal alta seguinte. É [...] uma regra de mudança de estrutura e concomitantemente uma regra de preenchimento, pois os traços da vogal média, o alvo, são desligados para serem preenchidos pelo traço da vogal alta, a propulsora (BISOL, 2009, p. 87)

Deste modo, pode-se afirmar até então que o alçamento vocálico não se constitui como um processo de mudança linguística, mas sim como uma variação estável, supradialetal e de condicionamento fonológico. Na maior parte dos casos, o alteamento é causado pela presença de uma vogal alta na sílaba tônica ou átona seguinte, em um processo de harmonia vocálica, ou pela influência de certos segmentos consonantais precedentes e seguintes, em um processo de neutralização. Os demais casos podem ter explicação em aspectos lexicais e históricos.

Araújo (2007), em seu estudo do falar popular de Fortaleza, observou que, além da harmonização vocálica, há outros fatores que exercem influência para o alçamento, como, por exemplo, na ocorrência do vocábulo *mustarda*, onde o contexto vocálico favorecedor por excelência, a vogal alta tônica, não está presente, mas mesmo assim o alçamento é aplicado em virtude da interferência da consoante labial precedente. Assim, a aplicação do alçamento é mais frequente quando cada uma das regras resulta da ação conjugada de fatores, como por exemplo, no caso da palavra *qu[i]rido*, onde a elevação tanto é favorecida pela vogal alta na sílaba seguinte, quanto pela consoante velar precedente.

Outros pesquisadores também se interessaram em analisar o alçamento de vogais médias, como é o caso de Pontes (2001), que analisou dados da vogal em posição pretônica inicial e não-inicial referentes às regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná. Os

resultados mostraram um padrão distinto em função da posição silábica: em posição inicial, o alçamento das vogais foi registrado em 79% dos dados analisados; em posição não-inicial, o alçamento foi contabilizado em 27% das ocorrências. Esse resultado levou o autor a constatar que o alçamento da vogal em posição não-inicial está relacionado ao processo de assimilação do ponto de articulação da vogal na sílaba seguinte. Pontes (2001) atribui o índice elevado de ocorrência do fenômeno, para os casos de alçamento em posição inicial, aos processos de síncope e ditongação de hiato. Em *senhora*, por exemplo, o apagamento da nasal palatal favorece a formação do hiato e, conseqüentemente, o alçamento da vogal (PONTES, 2001).

Kailer (2012), também analisando a fala do Paraná, constatou os condicionadores sociais e linguísticos favoráveis à manutenção ou alçamento de /o/ pretônico. Comparando dados de dois *corpora*, coletados nos períodos entre 1988-1989 e 2006-2007, a autora verificou que o fenômeno é, geralmente, determinado pelos mesmos princípios fonéticos em ambos os períodos analisados. Assim, o alçamento é preferido quando a vogal média alta posterior é seguida por vogal alta na sílaba adjacente, e por consoantes palatais em contexto precedente e seguinte. Os grupos que apresentaram maior resistência ao alçamento foram os mais escolarizados e de meia idade (50 anos).

Margotti e Brod (2013) em estudo sobre o alçamento na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, reuniram dados de falantes urbanos a partir das respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Projeto ALiB. A análise quantitativa do alçamento das vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ mostrou não haver associação significativa entre as variáveis dimensão diasssexual, diastrática e diageracional e o fenômeno estudado. Os resultados indicaram que o alçamento da vogal média alta anterior /e/ foi mais recorrente para o grupo de informantes femininos (19,6%) e para o grupo com escolaridade baixa (18,5%). Também se mostrou mais presente para a faixa etária de 50-65 anos (21,7%). O alçamento da vogal média alta posterior /o/ foi mais recorrente para o grupo de informantes com idades entre 50-65 anos (14,7%). Mas, diferentemente do observado para o alçamento da vogal anterior /e/, o alçamento da vogal /o/ foi mais presente para o grupo de informantes masculinos (16,2%) e para o grupo com escolaridade superior (16,2%).

Felice (2012), em estudo fonológico e variacionista, analisou o alçamento das vogais pretônicas em Uberlândia (MG). Em uma amostra, composta por 24 informantes, estratificados por sexo, idade e anos de escolaridade, concluiu que o alçamento das vogais médias pretônicas ocorre em Uberlândia e pode ser caracterizado tanto por aspectos

neogramáticos (nos casos em que a regra de Harmonização se aplica), como por aspectos difusionistas, quando há o alçamento sem motivação aparente ou casos em que há a oscilação entre forma alçada e não alçada.

Bisol (1981), em seu estudo sobre a harmonia vocálica no falar gaúcho, observou também que a vogal subsequente /i/ exerce maior influência sobre o alçamento das médias do que a vogal /u/. Assim, em casos como *assubio/assobio* há uma frequência maior de alçamentos do que em casos como *curcunda/corcunda*.

As pesquisas supracitadas usam a técnica do estudo em tempo aparente que, devido às dificuldades de se realizar um estudo em tempo real – no mesmo local e, preferencialmente, com os mesmos indivíduos –, configura-se como uma excelente ferramenta para a análise das mudanças linguísticas em curso, comparando a fala de indivíduos da mesma localidade e de faixas etárias distintas. A mudança em tempo real relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Segundo Labov (2008, p. 194), “soluções para problemas de transição dependem de análise mais acurada da distribuição de formas linguísticas no tempo aparente – isto é, ao longo das dimensões formadas por faixas etárias da população atual.” Assim, a fala de um indivíduo de 60 anos reflete a fala de um indivíduo de 30 anos há 30 anos atrás, podendo ser comparada com a fala de um adulto de 30 anos em tempo real para que mudanças possam ser percebidas.

Deste modo, este trabalho dá prosseguimento ao estudo do fenômeno do alçamento no português do Brasil, estabelecendo uma comparação entre o que os dados do ALiB revelam e o que já foi constatado por outros pesquisadores, além de investigar a presença ou ausência de influência da diatopia para a ocorrência do fenômeno supracitado.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA

O presente estudo insere-se no âmbito da Dialectologia Pluridimensional, ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços e do reconhecimento de áreas dialetais. A Dialectologia é “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.” (CARDOSO, 2010, p.15). Assim, por meio de entrevistas linguísticas coletadas através da aplicação de questionários, que podem ser diretos ou indiretos, os dialetólogos podem investigar, em comunidades de fala, fenômenos fonéticos, inclusive prosódicos, semânticos, lexicais, morfológicos, sintáticos etc.

De acordo com Dubois (1993),

O termo Dialectologia, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família (DUBOIS, 1993, p. 185).

Assim, ainda que a dialectologia seja uma disciplina que estuda a língua falada e estabeleça relações entre determinados usos linguísticos e grupos de indivíduos, considerando também fatores sociais, seu enfoque é, primordialmente, diatópico. Segundo Tagliamonte (2012), a correlação do uso e localização da linguagem é, essencialmente, dialectologia. Pelo modo de falar é possível identificar a origem de uma pessoa e esse fato levou à técnica dialectológica muito conhecida de procurar falantes isolados para encontrar variedades de fala mais regionais.

Através da recolha, análise e documentação de dados linguísticos, é possível analisar as mudanças linguísticas que ocorreram em um determinado local, comparando os dados de diferentes momentos históricos. É possível, também, refletir sobre o porquê de determinadas lexias serem encontradas em determinado lugar e não em outros. Rossi (1967) afirma que convém não esquecer que a dialectologia é essencialmente contextual, ou seja, o fato apurado em determinada área ou ponto geográfico só ganha sentido documental se for possível confrontá-lo com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outra área ou em outro ponto.

A verificação da ausência ou vazio geográfico “é denunciador de informações as mais diversas e pertinente para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos.” (cf. CARDOSO, 2010, p. 15). Ainda de acordo com Cardoso (2010),

Dois aspectos fundamentais estão, pois, na gênese da dialetologia, qualquer que seja o princípio metodológico seguido: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados. (CARDOSO, 2010, p. 25)

O objeto de estudo da Dialetologia é o dialeto. Dito isto, se faz necessário definir e entender o conceito de dialeto. Chambers e Trudgill (1994), ao trazerem três diferentes formas de conceituação, afirmam que, na linguagem cotidiana, o dialeto muitas vezes é visto como um tipo de linguagem sub-padrão, de baixo nível e muitas vezes rústico, que geralmente é associado ao camponês, à classe trabalhadora e aos grupos considerados carentes de prestígio. Em uma outra definição apresentada pelos autores, o dialeto é visto como um termo frequentemente aplicado a idiomas que não possuem uma tradição escrita, especialmente aqueles falados em lugares mais isolados do mundo. Uma terceira definição de dialeto seria o desvio das normas e aberrações fora da norma padrão cometidas por algumas classes. Porém, a definição de dialeto adotada pelos autores é de que “todos os falantes são de ao menos um dialeto (...). E não faz sentido nenhum pensar que um dialeto qualquer seja superior a outro. (...) Os dialetos podem ser considerados subdivisões de uma língua em particular.” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 19).

Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 16), dialeto pode ser definido como “um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras.” Para as autoras, toda língua histórica é um conjunto de dialetos não existindo, assim, limites rígidos entre as línguas.

O interesse pelo estudo das variedades dialetais sempre esteve presente na história dos povos, visto que a língua representa identidade e poder. Assim, a língua pode incluir ou excluir pessoas e comunidades, através das falas de prestígio e das falas estigmatizadas, respectivamente, e pode também definir e delimitar uma comunidade, através dos usos em comum de determinadas lexias e variantes fonéticas em um espaço geográfico ou social.

3.1 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA

Segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 36) os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm a se iniciar no século XIX, com destaque para o *Atlas Ethnographique du Globe (...)*, de Balbi (1826), pelos objetivos gerais e pela sua abrangência, que inclui dados sobre o português brasileiro tornando-se assim o marco inicial dos estudos de natureza dialetal no Brasil. Segundo Cardoso (2010), o primeiro grande inquérito, feito por correspondência, foi aplicado pelo barão de Montbret, em 1807. Tendo como base a parábola do filho pródigo (por conta da estrutura simples e conhecimento generalizado), foi enviada solicitação aos prefeitos e subprefeitos das regiões escolhidas para que se dirigissem a pessoas consideradas conhecedoras do *patois* da área, às quais era solicitado que traduzissem a parábola para o seu uso específico da língua. Foram encontradas 86 traduções da parábola, a maior parte representando variedades do francês e do provençal. O barão de Montbret revelou ter clareza sobre o papel da geografia nos estudos linguísticos.

Entre as informações na citada obra sobre as línguas do mundo figuram as referentes à língua portuguesa, da qual apresenta traços descritivos. São trazidos à consideração também dados sobre o português do Brasil, solicitados ao visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ministro plenipotenciário do Brasil na França. O visconde de Pedra Branca fornece um breve estudo no qual compara o português do Brasil com o português de Portugal, apresentando, do ponto de vista lexical, casos de não coincidência entre esses dois usos da língua. Pop (1950 apud CARDOSO, 2010) afirma que esse trabalho teve uma significativa influência sobre as pesquisas dialetológicas do começo do século XIX. (CARDOSO, 2010).

Essa introdução escrita pelo Visconde de Pedra Branca para o *Atlas Ethnographique du Globe (...)*, de Balbi (1826) foi a primeira manifestação que se pode caracterizar, numa visão ampla, de natureza dialetal sobre o português do Brasil. Considera-se, então, iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil, para a qual Nascentes (1952, 1953) estabelece duas fases e Cardoso e Ferreira (1994) reconhecem três diferentes etapas, que serão explanadas a seguir.

2.2.1 A Dialectologia no Brasil

Segundo Rossi (1967) a Dialectologia Brasileira deveria ser considerada um capítulo da Dialectologia da Língua Portuguesa visto que se ocupa de modalidades regionais daquele sistema linguístico. Afirma ainda que

Circunstâncias histórico-sociais muito peculiares ao Brasil (...) fazem do estudo da Língua Portuguesa no Brasil uma tarefa ingente, capaz de absorver por si só os esforços e os recursos de várias gerações, ninguém nega (...) que seja lícito falar de uma Dialectologia Brasileira, não independente, mas apenas vinculada à Dialectologia Portuguesa e, com esta, inserida na Dialectologia Românica. (ROSSI, 1967, p. 104).

Por sua dimensão continental, o Brasil já foi alvo de várias propostas de divisão dialetal, que levaram em consideração, inicialmente, critérios apenas geográficos e, só após um tempo, critérios de natureza histórica. Em 1922, na obra *O linguajar carioca em 1922*, Nascentes apresenta sua primeira proposta de divisão dialetal do Brasil, propondo quatro zonas: a Sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro); a Nortista (Amazonas, Pará e litoral do Maranhão até o litoral da Bahia); a Sertaneja (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas e sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão até a Bahia); e a Fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e Distrito Federal).

No entanto, posteriormente, primeiro em 1933, na quarta série de *O Idioma Nacional* (cf. Nascentes, 1953, p. 24), e depois em 1950, na 2ª edição de *O linguajar carioca*, Nascentes apresenta uma nova proposta de divisão dialetal, a mais conhecida atualmente e, até então, mais próxima da realidade linguística do Brasil. Essa nova proposta apresenta dois grandes grupos de falares: os falares do Norte e os falares do Sul. A característica linguística que diferencia esses dois grandes falares, segundo Nascentes (1953, p. 25) é “a cadência e existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*”. Esses dois grandes falares são subdivididos em seis subfalares, sendo dois subfalares do Norte e quatro subfalares do sul.

Falares do Norte:

- *Amazônico*: abrange o Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás, que vai da foz do Aquiri à serra do Estrondo;

- *Nordestino*: abrange o Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba.

Falares do Sul:

- *Baiano*: abrange Sergipe, Bahia, norte, nordeste e noroeste de Minas Gerais e parte de Goiás. Esse subfalar é visto como intermediário entre os dois grupos de falares;

- *Fluminense*: abrange o Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais (Mata e parte do Leste);

- *Mineiro*: Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais;

- *Sulista*: compreende São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, sul de Goiás e Minas Gerais (Sul e Triângulo).

Uma parte do país foi identificada como território incharacterístico, pela ausência de povoamento na época em que foi realizada a proposta de divisão dialetal. Esse território compreende o perímetro entre a fronteira de Mato Grosso com Pará e Amazonas e a parte da fronteira boliviana. Segue uma imagem com a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953):

Figura 4 - Divisão dialetal de Nascentes (1953)



Fonte: Nascentes (1953[1922])

Para Antenor Nascentes (1953) a história dos estudos dialetológicos no Brasil pode ser dividida em duas fases: a primeira fase teria início em 1826, ano da publicação do brasileiro Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, no atlas de Adrien Balbi, e iria até 1920. Essa primeira fase se caracteriza pela publicação de estudos no campo do léxico, tais como dicionários, glossários, vocabulários e, entre eles, o primeiro estudo de natureza gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva (1879). A segunda fase teria início em 1920, ano da publicação do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. Essa fase foi marcada pelo início dos estudos monográficos com abordagens voltadas para áreas específicas, como fonética, morfologia, sintaxe e semântica e iria até os dias atuais, no caso o ano de 1953. (MOTA, CARDOSO, 2006)

Cardoso e Ferreira, em 1994, propõem uma terceira fase para os estudos dialetológicos no Brasil, iniciada a partir de 1952, quando, justamente a partir dessa data, com a proposta de divisão dialetal de Nascentes, foram se incrementando os estudos e a produção no campo da Geolinguística no Brasil. Para as autoras, o marco da terceira fase foi o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que definiu como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. A partir daí há o início dos trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas para o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, ao qual se seguiram outros atlas regionais. (CARDOSO, FERREIRA, 1994).

Em 1996, por iniciativa da professora Suzana Cardoso e colaboração de um grupo de pesquisadores, iniciou-se na Universidade Federal da Bahia o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que vem, ao longo desses mais de vinte anos de trabalhos, contribuindo grandemente para os estudos dialetológicos no Brasil. Segundo Mota (2006, p. 329) “a partir da análise de dados empíricos recolhidos com a mesma metodologia em todo o país, será possível uma nova proposta de subdivisão do país em áreas dialetais elaborada com rigor científico.”

Teyssier (1980, p. 100) afirma que “a realidade, porém, é que as divisões ‘dialectais’ no Brasil são menos geográficas que socio-culturais”, concluindo que a dialetologia deve ser, então, menos horizontal do que vertical. Assim, as diferenças linguísticas existentes no território brasileiro são muito mais acentuadas por aspectos sociais do que por aspectos geográficos. Cardoso (2006, p. 376) conclui através de um estudo que levou em conta aspectos fonéticos, concordância nominal e verbal e

dequeísmo, que “não se pode afirmar que a variação no português brasileiro é prioritariamente diatópica ou predominantemente diastrática, mas (...) diatópico-diastrática.”

A Geolinguística se configura como método de trabalho da Dialetoлогия por sua apresentação visual em cartografia, além disso, ela é concebida como um método interpretativo. Uma maneira de investigar e documentar a variação linguística com enfoque dialetológico é através da elaboração de atlas linguísticos. Os atlas linguísticos são conjuntos de mapas, ou seja, cartas linguísticas, e esses mapas podem ser expositivos ou interpretativos. De acordo com Chambers e Trudgill (1994) os mapas expositivos apenas mostram as respostas registradas através da perspectiva geográfica. Já os mapas interpretativos têm como objetivo fazer uma exposição mais geral, analisando a distribuição das variantes predominantes de uma região para outra.

A Geografia Linguística no Brasil nasce, então, com o desejo de elaborar um atlas linguístico geral no Brasil no tocante à língua portuguesa. Esse desejo se firma com o Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, que assentava, no seu Art. 3º, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do atlas linguístico do Brasil, regulamentada pela Portaria n.º 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico brasileiro. Infelizmente, por conta de dificuldades de nível acadêmico e socio-histórico, tal projeto foi adiado e optou-se por colocar em prática a realização de atlas regionais. (CARDOSO et al., 2013)

Cinco anos depois da publicação do citado Decreto, Nascentes publica a obra *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1958 e 1961), inaugurando uma nova etapa nos estudos dialetais brasileiros. Com o avanço dos estudos de cunho dialetal sobre o português brasileiro, vários atlas regionais (e até mesmo nacional) foram publicados, sendo o *Atlas Prévio dos Falares Baiano* (APFB) o primeiro deles, em 1963. O APFB, de autoria do professor Nelson Rossi, foi um projeto pioneiro ao recolher e documentar expressões linguísticas utilizadas pela população de 50 localidades do interior da Bahia, resultado de pesquisa realizada por pesquisadores do Instituto de Letras da UFBA, no início dos anos 1960.

Após a publicação do APFB outros atlas regionais foram publicados, tais como o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) – finalizado em 1973 e publicado em 1987; o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG) – com publicação do volume I em

1977; o *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB)* – com os dois primeiros volumes editados em 1984; e o *Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR)* - publicado em 1994, fruto da Tese de Doutorado da Professora Vanderci de Andrade Aguilera, apresentada em novembro de 1990. Estes atlas serviram como inspiração e motivação para a retomada do projeto de um atlas lingüístico do Brasil.

Em novembro de 1996, na Universidade Federal da Bahia, ocorreu o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, idealizado e coordenado pela professora doutora Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, com a presença de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (*Atlas Linguistique Roman*), Prof. Michel Contini (Grenoble). Esse seminário foi de enorme importância pois foi o momento histórico da retomada do projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, marcado pela criação do Comitê Nacional integrado pelos autores dos cinco atlas lingüísticos regionais já publicados até então e por um representante dos atlas em andamento. São eles: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que presidia o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch. (PAIM, 2016).

Para Romano (2013), o marco divisório que separa os dois momentos da Geolinguística brasileira é o Projeto O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. O Projeto ALiB, de caráter nacional, possui uma metodologia pluridimensional, contando com informantes distribuídos pelos dois sexos, por duas faixas etárias e dois níveis de escolaridade, somando um total de 1100 informantes. A rede de pontos do ALiB, com um total de 250 localidades, foi definida levando em conta critérios de ordem demográfica, sócio-histórica, extensão de cada Estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área.

Durante o III Congresso de Dialetologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em homenagem às Professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota, em outubro de 2014, ocorreu o lançamento dos dois primeiros volumes do Atlas Lingüístico do Brasil, publicados pela EDUEL. O volume I é o de Introdução e o Volume II apresenta 159 cartas lingüísticas, com dados de 25 capitais de estado.

O número de atlas regionais pluridimensionais publicados também vêm aumentando ao longo dos últimos anos, marcando uma nova fase dos estudos geolinguísticos no Brasil. Segundo Mota e Cardoso (2006),

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional”. (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 21).

Romano (2013), ao fazer um balanço da Geolinguística brasileira, afirma que, a partir de 1996, os atlas que começam a surgir e ser publicados dão início a um segundo momento dos estudos geolinguísticos no Brasil, tendo influência da metodologia do ALiB, em aspectos como definição da rede de pontos, estratificação dos informantes ou no instrumento de coleta de dados. Para ele, o traço marcante desses atlas é a pluridimensionalidade e o incremento prodigioso de outras variáveis à dimensão diatópica, bem como por enfoques de análises diferenciados no tratamento dos dados, resultando na elaboração de atlas de pequeno domínio. Dessa forma, a geolinguística pluridimensional contemporânea, além do parâmetro diatópico, prioridade em estudos de cunho dialetal, se interessa também por outros tipos de variação, como a diagenérica, a diastrática, a diageracional, entre outras.

A nova fase da geolinguística é também marcada pela ampliação do campo de estudo, indo além dos dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos, como é, em geral, nos atlas tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, etc., tal como previsto na metodologia do ALiB e em alguns outros projetos. Outro aspecto que marca a geolinguística contemporânea é a apresentação dos dados que, nos atlas atuais, ditos de 2^a e 3^a gerações, podem apresentar ferramentas como comentários linguísticos e CDs que reproduzem a voz do informante, na localidade em que ela foi registrada, como, por exemplo, no Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA). Outra característica da geolinguística contemporânea é a sua relação com outras ciências, como, por exemplo, a etnolinguística. (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 22 e 23).

Aragão (2006, p. 35) afirma que a Dialectologia no Brasil, “apesar das dificuldades pelas quais sempre passou (...), da falta de interesse das instituições e da consequente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos”. Desse modo, ainda que o Brasil, com suas dimensões continentais, tenha potencial para que ainda mais estudos geolinguísticos sejam desenvolvidos, são vários os trabalhos com enfoque dialetológico e sociolinguístico que têm surgido, no formato de monografias, teses, dissertações e

apresentações em eventos nacionais e internacionais. A Dialetologia vem, então, alcançando cada vez mais relevância nos estudos linguísticos brasileiros.

Os pioneiros da Sociolinguística eram linguistas com formação estruturalista, mas que também foram influenciados pelos dialetólogos. Um de seus principais expoentes, William Labov, teve como orientador Uriel Weinreich, de formação dialetológica. Weinreich havia sido discípulo de André Martinet, importante estruturalista francês. A Sociolinguística Variacionista surge então, com o objetivo de desvendar os enigmas da mudança linguística e ainda traz a marca dos conflitos políticos e ideológicos comuns às sociedades.

Os estudos sociolinguísticos ganharam força e notoriedade a partir da década de 1960, com os estudos de William Labov. A sociolinguística, enquanto disciplina independente, surge como uma ciência da linguística que leva em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala, ou seja, não dissocia o material da fala do produtor dessa fala (o falante), pelo contrário, considera relevante examinar as condições em que a fala é produzida. A partir da ideia de que as línguas mudam e que esta mudança provém de um período de variação, Labov (2008) afirma que “a explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.” (LABOV, 2008, p. 19)

No entanto é importante observar que muito antes do advento da sociolinguística, outros pesquisadores já se debruçavam em estudos que viam a relação entre língua e sociedade. Entre eles, pode-se destacar Meillet, que já afirmava que a linguagem era eminentemente social; Bakhtin, que entendia ser a língua um fenômeno social; e os membros do Círculo Linguístico de Praga, que trabalhavam na perspectiva de que a língua era um elemento fundamental de adequação às diversas situações comunicativas. Percebe-se, então, que a necessidade de se observar a língua em seus diversos modos de uso era uma preocupação que inquietava a muitos pesquisadores que não compreendiam os estudos sobre a língua como eles vinham sendo feitos. Dessa forma,

Meillet, contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação linguística enquanto inserida nas transformações sociais (1921). Mas discípulos de Saussure, como Martinet (1961), aplicaram-se a rejeitar essa concepção, insistindo fortemente em que a explicação linguística se limitasse às inter-relações dos fatores estruturais internos. (CALVET, 2002, p. 31).

William Labov foi o pioneiro na abordagem de investigar a relação entre língua e sociedade, pois desenvolveu um instrumental teórico capaz de desconstruir o mito da pobreza verbal das classes sociais subjugadas (e, no caso específico dos Estados Unidos, dos negros), estabelecendo a lógica gramatical inegável dos dialetos considerados "não padrão", isto é, das formas de falar das comunidades excluídas do poder e do controle social.

Um dos estudos mais importantes desenvolvidos por Labov buscava entender a motivação social de uma mudança sonora. Para isso, ele observou de forma direta uma mudança a nível fonético no contexto da vida de uma comunidade, na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts: a alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/. Ao analisar a distribuição das variantes fonéticas nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos, Labov chega à conclusão

de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21)

A escolha dos ditongos centralizados se deu pelo fato de, embora ser saliente ao ouvido dos linguistas, a pronúncia, que não segue o padrão comum do sudeste da Nova Inglaterra, é imune à distorção consciente dos falantes, visto que eles não parecem perceber esta diferença. Assim, apesar de a ilha ser dominada pelos turistas em alguns meses do ano, realizando os ditongos da forma padrão mencionada acima, os vineyardenses se mostram resistentes à mudança, dando pouco *status* aos veranistas. Após a análise dos resultados, percebeu-se que o processo social da ilha como um todo se refletia na atitude dos membros da comunidade em relação ao fenômeno linguístico variável. A análise acabou por revelar que a parcela de habitantes da ilha favorável à transição para o turismo deixava de seguir o velho hábito linguístico da centralização, enquanto os que eram contrários aos turistas conservavam mais a marca dialetal identitária da comunidade.

Em seu segundo estudo, realizado na cidade de Nova Iorque, Labov atestou a correlação do uso de variáveis às categorias sociais primárias, como classe econômica, sexo, idade etc. Nesse estudo, que tinha como objetivo obter a pronúncia da palavra *fourth*

floor (e a forma como o /r/ era pronunciado – presença ou ausência em posição pós-vocálica), o pesquisador questionava a diferentes vendedores de lojas de departamentos voltadas a diferentes classes sociais em que piso se encontravam os sapatos das mulheres. Esta pergunta inicial era complementada com outra a fim de obter uma resposta mais enfática. Desse modo, o uso da entrevista nesses moldes o permitiu coletar dados suficientes para observar padrões sociolinguísticos segundo o sexo e a idade dos entrevistados, além de determinar que a variação linguística estava diretamente associada à alternância de estilo. O autor destaca que, antes dos anos 60, os estudos linguísticos não levavam em conta o contexto social em que o falante estava inserido. Essa visão de língua como entidade abstrata deixou de fora o contexto temporal e social do indivíduo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da pesquisa científica diz respeito à sistematização do estudo e tem uma importância fundamental para o bom andamento de qualquer trabalho científico. É ela que orienta o “como” do caminhar do estudo e deixa claro para o leitor a forma como os dados foram colhidos e analisados. Fachin (2006) afirma que

o método científico confere ao pesquisador inúmeras vantagens, oferecendo-lhe um conjunto de atividades sistemáticas e racionais, mostrando-lhe o caminho a ser seguido e permitindo-lhe detectar erros e auxiliando nas decisões. Sua aplicação correta proporciona segurança e economia, e permite obter conhecimentos eficazes, com qualidades essenciais à sua natureza. (FACHIN, 2006, p. 31).

Assim, a metodologia deve responder a todas as etapas que serão traçadas, de forma detalhada e deixando claro o passo a passo de como o estudo será desenvolvido. Deve conter informações acerca da natureza do estudo, as abordagens teóricas a serem adotadas, bem como os métodos de análise e os recursos gráficos e estatísticos (caso seja necessário) que serão usados no decorrer do estudo.

Nesta dissertação, apresenta-se um estudo de cunho dialetológico e sociolinguístico já que analisou dados coletados em gravações de entrevistas realizadas pelo Projeto ALiB por meio do instrumental analítico da sociolinguística quantitativa.

4.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DO PROJETO ALiB

Os dados analisados no presente estudo foram recolhidos do *corpus* constituído pelo Projeto ALiB. Um dos objetivos do Projeto ALiB é descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à Língua Portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas etc.) consideradas na perspectiva da Geolinguística. (Comitê Nacional do ALiB: 2001).

Para a realização do objetivo definido pelo Projeto ALiB, foi definida uma rede de pontos, levando em consideração aspectos demográficos, culturais e históricos das localidades, além da extensão de cada região. Foram consideradas também outras questões, como os pontos sugeridos por Nascentes (1953), limites internos e internacionais das localidades. Foi definido também o número de informantes por localidade: as localidades do interior do estado são representadas pela fala de quatro

informantes: dois homens e duas mulheres, sendo um de cada sexo para cada faixa etária (faixa etária I de 18 a 30 anos e faixa etária II de 50 a 65 anos) e de nível de escolaridade fundamental (alfabetizados e que tenham cursado, preferencialmente, até a quarta série do ensino fundamental). Já nas capitais foram entrevistados oito informantes, seguindo o mesmo princípio de estratificação citado anteriormente e com o acréscimo de quatro informantes de nível superior completo (dois homens e duas mulheres das duas faixas etárias).

A entrevista para a constituição de banco de dados do ALiB foi feita a partir da aplicação de questionários no formato pergunta-resposta, divididos em seções nas quais o informante é questionado: de forma mais direta, como no exemplo do questionário fonético-fonológico (QFF): “*qual o nome do objeto com que se corta tecido?*”, cuja resposta prevista é *tesoura* (QFF- 06); de forma a buscar mais de uma resposta para determinada pergunta, como no questionário semântico-lexical (QSL): “*qual o nome de uma chuva com vento forte que vem de repente?*”, que pode ter como resposta *temporal, vendaval, tempestade* etc. (QSL -11); em questionários com resposta mais livre, como a seção de Perguntas Metalinguísticas; e com a sugestão de temas para o registro de discursos semidirigidos, além da última parte da entrevista, com a leitura de um texto.

4.2 A AMOSTRA EM ESTUDO

A presente Dissertação utilizou como fonte de dados parte das entrevistas feitas pelo Projeto ALiB. Optou-se por analisar as respostas dadas aos questionários fonético-fonológico (QFF) – 159 questões - e semântico-lexical (QSL) – 202 questões - do Projeto ALiB. Os questionários em questão foram escolhidos por motivos metodológicos: o QFF tem uma estrutura de perguntas que foi pensada para analisar aspectos fonéticos da Língua Portuguesa, com base nas respostas esperadas. É um questionário extenso e, embora seja o primeiro questionário da entrevista, possui trechos em que o entrevistador solicita que o falante descreva coisas e situações que objetivam diminuir o seu monitoramento. Já o QSL, por ser o questionário mais extenso da entrevista, perpassa por diversos assuntos, o que proporciona uma gama alta de respostas e, conseqüentemente, ocorrências variadas para integrar o *corpus* do estudo. Pelo alto número de ocorrências alcançadas nos dois questionários supracitados, decidiu-se usar apenas o QSL e o QFF para a Dissertação.

Foram selecionados dados de 6 localidades do Ceará – Ipu, Canindé, Crateús, Russas, Iguatu e Crato - e 6 localidades do Rio Grande do Sul – Três Passos, Vacaria,

Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Uruguaiana e Chuí -, localidades estas que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB. No total foram analisados 48 inquéritos.

A escolha pelos dois estados foi feita levando-se em conta alguns critérios: o estado do Ceará foi o escolhido porque, além de ser o segundo estado do Nordeste com o maior número de pontos de inquérito do Projeto ALiB, já vinha sendo estudado pela autora do presente estudo desde sua pesquisa na Iniciação Científica. Assim, optou-se por aprofundar o estudo no estado em questão; o estado do Rio Grande do Sul foi escolhido por ser o estado da região Sul com o maior número de informantes do Projeto ALiB, o que levaria a um número de entrevistas próximo ao que está sendo analisado no Ceará.

4.3 AS VARIÁVEIS CONSIDERADAS

Foi realizada a audição dos inquéritos e a transcrição fonética e grafemática das respostas encontradas. Os áudios foram escutados exaustivamente, retornando a trechos que levantavam dúvidas sempre que necessário. Após essa primeira parte, foram selecionadas as palavras em que há ocorrência de vogal média pretônica interna e, dentre essas, aquelas em que há a ocorrência do alçamento das vogais médias pretônicas como, por exemplo, *tisoura/tesoura* e *buteco/boteco*. Os dados foram codificados para serem submetidos ao programa de análise estatística *Goldvarb 2001* (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E., 2005).

Após feito esse recorte, foram analisadas as motivações para a ocorrência do alçamento vocálico, considerando as variáveis extralinguísticas, como sexo, idade e escolaridade dos informantes – de acordo com a metodologia adotada pelo Projeto ALiB -, a variável diatópica (localidade) e as variáveis intralinguísticas, como presença de vogal alta na sílaba tônica ou na sílaba seguinte, constituição silábica, natureza da vogal média alteada (se anterior ou posterior) e natureza do segmento consonantal precedente e seguinte ao alçamento. Essas motivações linguísticas funcionaram como hipóteses para este estudo, visto que estudos feitos a respeito do alçamento vocálico mostram que esses tipos de variáveis influenciam na ocorrência do dito fenômeno.

Para evitar o enviesamento dos dados, cada palavra foi contabilizada em até cinco ocorrências por resposta. Isso significa que, caso o falante tenha emitido a mesma palavra da mesma maneira durante sua resposta mais de uma vez, esta foi incluída no recorte em um número máximo de cinco ocorrências por resposta. Essa decisão foi tomada em razão de que apenas duas palavras ocorreram mais de cinco vezes como resposta para uma

pergunta realizada pelo entrevistador e atendendo aos critérios estabelecidos neste estudo, descritas a seguir.

A pergunta número 2 do QFF – “*onde se constrói uma casa?*” – possui como resposta prevista, *terreno*. Essa palavra também é uma das respostas registradas, visto que não há respostas previstas no QSL, a propósito da questão 199 do QSL – “*como se chama a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?*”. A mesma situação ocorre com a palavra *redemoinho*, que é a resposta mais frequente para a questão do QSL de número 4 – “*muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?*” - e número 7 – “*como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?*”. Essa segunda palavra, *redemoinho*, por possuir um grande número de variantes – *redemuinho, redimunho, ridimunho, ridimuinho* – foi a que ocorreu o maior número de vezes nas entrevistas analisadas, mas raras foram as vezes que esta apareceu mais de cinco vezes por resposta. Por esse motivo, optou-se por estabelecer como critério o número máximo de cinco ocorrências da mesma palavra por resposta, evitando, assim, um possível enviesamento dos dados.

Para a presente análise, palavras que possuíam mais de uma vogal média /e, o/ tiveram as ocorrências analisadas individualmente para cada uma das pretônicas existentes, como em *menopausa* e *redemoinho*. Foram excluídas do recorte as palavras em diminutivo. Bisol (2010), em estudo sobre o diminutivo, afirma que

Admitindo-se que a distinção entre vogais médias fechadas /e,o/ e médias abertas /ɛ,ɔ/ se faça pelo traço ATR em termos de [+ATR] para as primeiras e [-ATR] para as segundas, depreende-se a característica [...] que é preservar o traço [ATR] da vogal média do input, diferentemente da maioria dos derivativos. No sistema fonológico do português, sílabas pretônicas derivadas de tônicas sofrem um processo de neutralização que, em dados do sul e sudoeste do País, manifesta-se via conversão da vogal média [-ATR] em [+ATR]. Isto é, perde-se, na pretônica, a distinção entre média fechada e média aberta. Isso tem por conseqüência a redução do sistema tônico de sete vogais /a, ɛ, ɔ, e, o, i, u / para cinco vogais átonas /a, e, i, u, o/ com reflexos na postônica que se reduz a três em posição final. O diminutivo, no entanto, fica fiel ao ATR da base (5a), ignorando essa redução. (BISOL, 2010, p. 68 e 69)

Nesses casos, em geral, a forma derivada mantém a vogal daquela da qual se deriva, como em *cafezinho* e *solzinho*. Foram descartados também os advérbios em *-mente* e os vocábulos com radicais compostos, em virtude da existência, em geral, de

acentuação secundária sobre a sílaba que poderia ser interpretada como pretônica, a exemplo de *joão-de-barro*.

Para fins desse estudo foram consideradas as constituições silábicas: CV (consoante-vogal), como em *minino, tisoura*; CCV (consoante-consoante-vogal), como em *prisilha, truvão*; CVC (consoante-vogal-consoante), como em *disvio, burbuleta*; e CCVC (consoante-consoante-vogal-consoante), como em *prustituta*. Não foi incluída na análise a constituição silábica VC (vogal-consoante), como em *isquicido*; as vogais em posição inicial absoluta, como em *uvelha*, e nem os hiatos, como em *juelho*.

O critério utilizado para a escolha da variável *tipo de sílaba* partiu da hipótese de que uma consoante após a vogal pretônica possa agir sobre sua realização, talvez dificultando a harmonização vocálica. Para verificar essa atuação, consideraram-se dois tipos de sílaba: Leve (CV, CCV): *cibola, prisilha*; Pesada (CVC, CCVC): *durmindio, prustituta*.

Bisol (1981) em seu estudo afirma que os princípios que regem a elevação da vogal inicial não se identificam com os que elevam uma vogal média pretônica interna. No *corpus* do presente estudo, as ocorrências de vogal inicial média anterior ocorrem em casos como *escola, estrada, empanturrado, esconde-esconde, estilingue, espiga, estrela, entardecer, esquerdo, encontrar, emprego e elétrico*. Com exceção da última, todos os casos dizem respeito à vogal média anterior seguida por [s] em coda ou nasalizada. Assim, a estrutura VC, como *entrada* e *istrada*, foi excluída da análise uma vez que possui elevação quase categórica. Esses casos, afirma Bisol (1981), citando exemplos em sua amostra, que

Com respeito a [e] dir-se-ia que o silêncio à esquerda favorece a elevação, quando seguido de /N/ e /S/, fato que tem comprovação histórica, segundo a investigação de Naro (1973). Mas exemplos não faltam onde o silêncio à esquerda funciona como elemento preservador da média: educação (1 vez), educado (3 vezes) e nenhum iducado e iducação; eletrícista (5 vezes) e nenhum iletricista; economia (5 vezes) e nenhum iconomia etc. (...) Tais resultados merecem ser levados em consideração. Fatos como esses que fogem à história da vogal interna parecem indicar que deve a vogal inicial ser estudada à parte. (BISOL, 1981, p. 34-35).

Com relação à vogal posterior /o/, as ocorrências de vogal em posição inicial são poucas, havendo apenas quatro respostas documentadas coincidentes com a entrada da pergunta: *orvalho, orelha* e *ovelha*. Destas, além da pouca frequência nas entrevistas, a única em que ocorreu o fenômeno do alçamento foi *uvelha/ovelha*. As outras ou não

apresentaram variação (como o caso de orelha e ouvido) ou apresentaram apenas variação de timbre ([o]rvalho/[ɔ]rvalho).

Com relação aos hiatos, além dos poucos casos em que este ocorre na presente amostra (*joelho, real/reais*), há um efeito variado provocado pela vogal seguinte e optou-se, também, por excluir esses casos da amostra.

Labov (2008), ao realizar o seu estudo na ilha de Martha's Vineyard em 1963, utilizou inicialmente como escala de medição espectogramas acústicos. No entanto, após analisar os dados encontrados, percebeu que a escala impressionística reduzida mostra boa estratificação em termos de parâmetros físicos, e que poderia prosseguir seu estudo empregando tais índices com bastante confiança em sua validade. (LABOV, 2008, p. 34-37). Assim, visto que estudos já compararam a qualidade dos dados obtidos pela escuta direta com dados submetidos a espectogramas e concluíram que a qualidade e segurança dos dados é similar, a técnica empregada na presente análise foi a escuta dos áudios.

O tratamento quantitativo dos dados foi feito através da submissão das ocorrências ao programa de análise estatística *Goldvarb 2001* (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E., 2005) e, os resultados, demonstrados por meio da construção de gráficos, verificando os percentuais e os pesos relativos de ocorrência das variantes e relacionando-os à faixa etária, sexo, escolaridade e localidade dos informantes.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção são apresentados, em valores percentuais e em peso relativo, os resultados obtidos por meio do programa de análise estatística *Goldvarb 2001*. Os pesos relativos que se aproximaram de 0,50 foram considerados irrelevantes para a aplicação da regra, pois estão no ponto neutro, apresentando um “valor que nem favorece nem desfavorece o uso da variante investigada.” (GUY e ZILLES, 2007, p. 239).

A análise foi realizada levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer ou não a ocorrência do fenômeno do alçamento, nos contextos anterior e posterior, como demonstrado abaixo:

Quadro 1 – Contextos de análise da vogal pretônica

Contexto	Vogal média (aberta ou fechada)	Vogal alta
Anterior	Tang[ε]rina / Tang[e]rina	Tang[i]rina
Posterior	Tr[ɔ]vão / Tr[o]vão	Tr[u]vão

Embora os contextos anterior e posterior compartilhem características articulatórias, como a altura da língua (alta, média-alta, média-baixa), observou-se, a partir dos resultados aqui encontrados, que algumas variáveis agem de maneira distinta na aplicação da regra nesses contextos. Assim, neste trabalho, optou-se por realizar as análises das vogais em contexto anterior [ε / e / i] e posterior [ɔ / o / u] separadamente.

Para uma melhor organização, na primeira parte serão analisados resultados referentes à distribuição geral do fenômeno do alçamento no *corpus* em estudo, indicados na subseção 4.1. Em seguida, serão analisados os resultados referentes ao alçamento ou não da vogal anterior, indicados na subseção 4.1.1 e os resultados referentes ao alçamento ou não da vogal posterior, indicados na subseção 4.1.2. Por fim, na seção 4.2 são discutidos aspectos de caráter fonológico encontrados nos dados estudados.

A ordem de apresentação do fenômeno adotada aqui segue o critério de importância observado através dos dados fornecidos pelo *Goldvarb 2001*, entendendo que o programa seleciona as variáveis que parecem exercer um maior grau de condicionamento para a ocorrência do alçamento. Em cada subseção, vogal anterior e vogal posterior, apresentam-se os resultados obtidos descritos em dois grupos: variáveis linguísticas, como, por exemplo, os segmentos vocálicos e consonantais que se mostraram

relevantes; e variáveis extralinguísticas, como sexo, idade e diatopia. Os grupos de fatores considerados na análise de cada uma das variáveis serão descritos a seguir, assim como os grupos que foram selecionados ou descartados pelo programa.

5.1 A DISTRIBUIÇÃO GERAL DO FENÔMENO NO *CORPUS*

Apresenta-se, nesta seção, os resultados obtidos, do ponto de vista diatópico, de dois estados brasileiros, Ceará e Rio Grande do Sul, pertencentes a regiões distintas do Brasil.

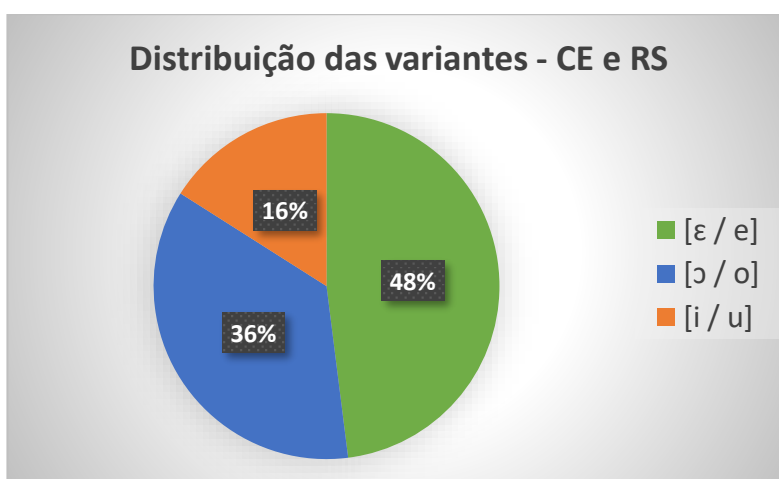
A *Tabela 1* demonstra que, no *corpus*, há mais ocorrências obtidas de vogal anterior do que de vogal posterior, o que pode ser explicado pela estrutura dos questionários utilizados para o levantamento dos dados (QFF e QSL) em que, frequentemente, as respostas dadas pelos informantes possuem frequência maior de vocábulos com vogal pretônica anterior.

Tabela 1 – Frequência Geral da Ocorrência do Alçamento Vocálico

Variantes	Ocorrência	%
[ɛ / e]	2.334	48%
[ɔ / o]	1.746	36%
[i / u]	767	16%
Total	4.847	100%

Ao todo, foram analisados 4.847 casos de vogal pretônica, sendo 2334 casos de vogal média anterior, 1.746 casos de vogal posterior e 767 casos de alçamento vocálico (440 alçamentos de vogal anterior e 327 casos de alçamento de vogal posterior). O *Gráfico 1* mostra, de maneira mais clara, a distribuição das variantes.

Gráfico 1 – Frequência Geral da Ocorrência do Alçamento Vocálico



Fonte: autoria própria

De modo geral, podemos observar que a ocorrência do alçamento é um fenômeno minoritário, com valor percentual de 16%, que atinge igualmente as duas regiões, o que confirma a primeira hipótese definida neste estudo, conforme será detalhado a seguir.

Araújo (2007, p. 142), ao analisar os resultados encontrados em seu estudo sobre o falar popular de Fortaleza, afirma que “o alteamento não é uma regra estigmatizada na variedade em estudo, posto que o fenômeno ocorre tanto na fala dos mais escolarizados quanto na dos menos escolarizados, apesar de naquela ocorrer com menos frequência, por influência da ortografia.” Assim, de modo geral, não há um grande estigma diante de realizações como prat[i]leira e b[u]nito, comuns na fala de pessoas consideradas cultas, conforme identificado, também, no estudo feito por Bisol (1981) no estado do RS, incluindo fala popular e culta. A autora afirma cautelosamente que os jovens tendem a usar menos a regra de harmonia vocálica, que explica a maior parte dos casos de alçamento, do que os mais velhos e que, como a regra ocorreu tanto na fala popular quanto na fala culta, não é estigmatizada.

A partir das entrevistas selecionadas para este estudo, foram coletadas e analisadas 4.847 ocorrências de vogal média pretônica, anterior e posterior, dentre as quais ocorreu o alçamento 767 vezes. A representação percentual geral do alçamento, apresentada nos gráficos a seguir, demonstra que não há grandes diferenças quanto à ocorrência do alçamento vocálico nos dois estados, visto que os números são muito próximos à média geral nas duas localidades.

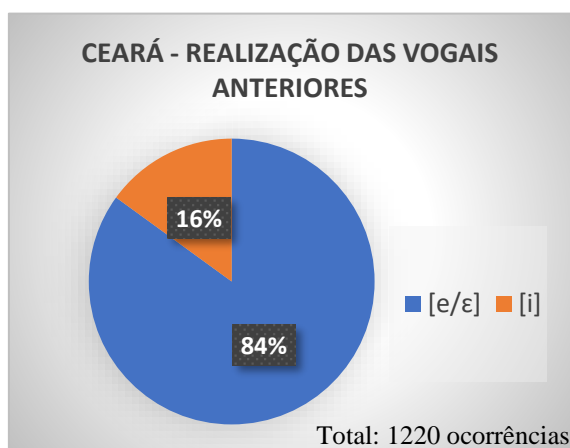
Dos 767 casos de alçamento encontrados, 372 casos ocorreram no estado do Ceará e 395 casos no estado do Rio Grande do Sul, ou seja, os números são bem próximos.

Assim, é possível afirmar, com base nos resultados aqui encontrados, que o alçamento é, realmente, um fenômeno que atinge igualmente diferentes áreas do Brasil, ou seja, parece, de fato, não haver influência significativa da diatopia para a ocorrência do alçamento vocálico, conforme hipótese aqui estabelecida.

5.1.1 O alçamento no estado do Ceará

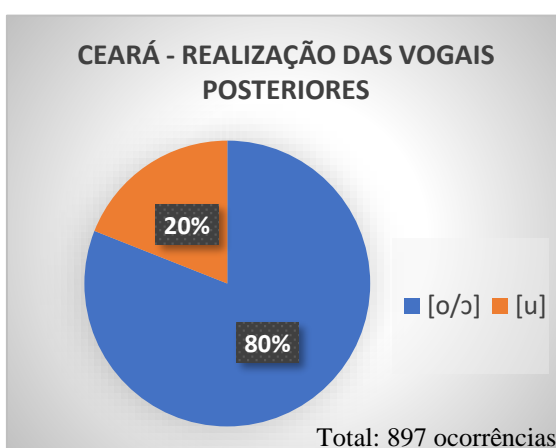
Ao todo foram analisadas 2.117 ocorrências de vogal pretônica em posição não inicial no estado do Ceará, sendo 1.220 ocorrências de vogal anterior e 897 ocorrências de vogal posterior. O alçamento, conforme já dito, foi identificado 372 vezes, com 195 ocorrências em contexto anterior e 177 ocorrências em contexto posterior, ocorrendo em uma frequência média de 18%, conforme gráficos a seguir.

Gráfico 2 – Frequência do alçamento vocálico em contexto anterior - CE



Fonte: autoria própria

Gráfico 3 - Frequência do alçamento vocálico em contexto posterior - CE



Fonte: autoria própria

Embora os dados demonstrem que a ocorrência do alçamento vocálico é minoritária em relação à manutenção da pronúncia das vogais como médias, podemos perceber que, na localidade em questão, houve um número maior de casos de alçamento da vogal posterior, em vocábulos como d[u]rmino. De modo geral, a maior parte dos casos é explicada através da regra da Harmonia Vocálica, já atestada por outros pesquisadores, como Bisol (1981) e Silva (2008), em vocábulos como f[i]rida e ass[u]vio, nos quais a presença de uma vogal alta na sílaba tônica atua como condicionante para o alçamento da vogal pretônica, em um processo de assimilação. Os resultados encontrados

no Ceará se mostraram similares aos resultados do estado do Rio Grande do Sul, que serão expostos a seguir.

5.1.2 O alçamento no estado do Rio Grande do Sul

Ao todo foram analisadas 2.730 ocorrências de vogal pretônica em posição não inicial no estado do Rio Grande do Sul, sendo 1.554 ocorrências de vogal anterior e 1.176 ocorrências de vogal posterior. O alçamento foi identificado 395 vezes, com 245 ocorrências em contexto anterior e 150 ocorrências em contexto posterior, ocorrendo em uma frequência média de 14,5%, conforme gráficos abaixo.

Gráfico 4 – Frequência do alçamento vocálico: vogal anterior – RS

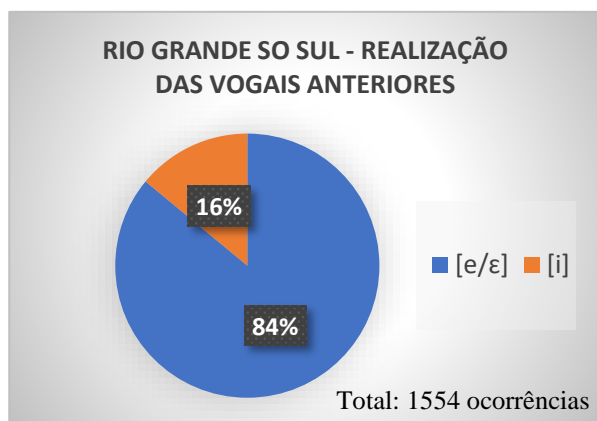
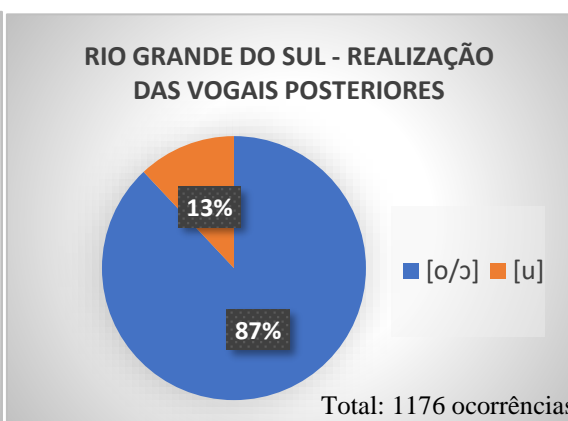


Gráfico 5 - Frequência do alçamento vocálico: vogal posterior – RS



Fonte: autoria própria

Fonte: autoria própria

O estado do Rio Grande do Sul foi o que apresentou o maior número de casos totais: 2730 ocorrências, incluídos aí 395 casos de alçamento. A maior parte das ocorrências foi identificada no contexto de vogal anterior, em vocábulos como s[i]guro. A maior parte dos casos é explicada, também, assim como no estado do Ceará, através da aplicação da regra de harmonia vocálica, amplamente estudada em dialetos do sul do país por pesquisadores como Bisol (1981), Schwindt (1995) e Casagrande (2004).

Para Schwindt (1995), em estudo variacionista com dados das três capitais da região sul do Brasil, o principal condicionador da elevação é a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente contígua. No contexto das vogais orais, a regra mostra-se mais operante, principalmente para /o/. Para Casagrande (2004), em estudo sobre a aplicação

da regra de harmonia vocálica em tempo real com informantes de Porto Alegre, no caso da vogal pretônica anterior /e/, quanto à contiguidade e tonicidade, a tônica alta imediata é o condicionador mais forte, seguindo-se a pretônica e a tônica altas. Assim, embora tenham sido identificados casos neste estudo em que o alçamento ocorreu sem motivação aparente, em vocábulos como c[i]bola e c[u]lher, que serão analisados posteriormente, a maior parte dos casos é explicada através da aplicação da regra de harmonia vocálica, confirmando o que já havia sido identificado em estudos anteriores acerca do fenômeno.

De modo geral, o resultado entre os dois estados foi muito semelhante: além do número total de alçamentos ter sido muito próximo, a maior parte dos casos ocorreu em vogais anteriores e em vocábulos nos quais o fenômeno pode ser explicado através da harmonia vocálica. Isso confirma o que já foi comprovado em outros estudos: ao que parece, o alçamento atinge igualmente todas as regiões, sendo favorecido, principalmente, por questões de ordem linguística e não por fatores extralinguísticos, tais como idade, sexo e diatopia.

5.2 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS

Devido ao grande volume de dados que envolvem as pesquisas de cunho sociolinguístico, e levando em consideração os avanços tecnológicos, vários *softwares* e programas foram sendo desenvolvidos ao longo dos anos para facilitar a operação e análise dos dados de pesquisas quantitativas. Diante dos *softwares* disponíveis para análise, optou-se para o presente estudo pelo programa de análise estatística *Goldvarb 2001*. Assim, os dados encontrados nos dois estados foram reunidos, codificados e submetidos ao programa, sendo separados em dois grupos: vogais anteriores (média e alta) e vogais posteriores (média e alta).

Para fins de análise estatística, foram considerados, inicialmente, os treze grupos a seguir. Esses grupos correspondem a hipóteses de que o fenômeno do alçamento é condicionado, na maioria das vezes, pela presença de certos segmentos vocálicos e consonantais adjacentes, levantadas com base em estudos feitos anteriormente a respeito do comportamento das vogais pretônicas no português brasileiro, a exemplo de Bisol (1981), Araújo (2007) e Silva (2008).

Grupo 1: variável dependente

Grupo 2: posição na palavra e contiguidade à sílaba tônica

- Grupo 3: estrutura silábica (CV, CVC, CCV)
- Grupo 4: vogal tônica
- Grupo 5: vogal átona seguinte
- Grupo 6: consoante precedente
- Grupo 7: consoante subsequente
- Grupo 8: número de sílabas
- Grupo 9: classe gramatical (se nome ou verbo)
- Grupo 10: sexo
- Grupo 11: faixa etária
- Grupo 12: localidade
- Grupos 13: tipo de questionário (QFF ou QSL)

A seguir, serão apresentados primeiramente os resultados do grupo 1, referente ao contexto anterior, em que é observado o alçamento da vogal anterior nos estados do Ceará e Rio Grande do Sul, conjuntamente.

5.2.1 O alçamento da vogal anterior

A respeito dos grupos de fatores utilizados para a análise variacionista, Guy e Zilles (2007) afirmam que

Cada grupo de fatores pode ser definido como um *locus* na regra variável onde ocorre o condicionamento e consiste em uma lista exaustiva de todos os fatores mutuamente exclusivos que podem ocorrer naquele *locus*. Assim, os grupos de fatores são variáveis independentes, e os fatores no grupo são os valores possíveis dessa variável independente. Para uma análise de regra variável ser bem sucedida, os grupos de fatores devem estar estabelecidos de maneira a serem ortogonais e independentes. Isto é, eles devem se distribuir de maneira que, tanto quanto possível, cada fator em um grupo possa co-ocorrer com cada fator em todos os outros grupos. E cada um deve separar uma restrição logicamente separada e isolável. (GUY; ZILLES, 2007, p. 38).

Assim, parte-se do entendimento que o grupo de fatores é formado por uma série de variáveis independentes, ou seja, uma variável que influencia uma outra variável, sendo fator determinante para alcançar determinado resultado, e é uma ferramenta que, a partir de uma correta manipulação, auxilia o pesquisador a determinar a relação do fator com o fenômeno observado.

Com base nesses princípios serão analisados e demonstrados na presente seção os resultados referentes ao alçamento da vogal média pretônica anterior. Após a submissão dos dados ao Goldvarb 2001, alguns fatores se mostraram categóricos e não apresentaram variação:

- nos casos em que a vogal tônica era [ɛ] – 59 casos -, como em *presépio*; ou [ẽ] – 428 casos -, como em *terreno*, não houve alçamento;
- nos casos em que a vogal átona seguinte era [ɛ], como em *televisão* – na pronúncia aberta - (31 casos); [e] como em *veneziana* – na pronúncia fechada - (153 casos); [ɐ̃] como em *pernambucano* (50 casos); [a], como em *cerração* (139 casos); [ũ], como em *perguntar* (46 casos); ou [õ], como em *redemoinho* – com pronúncia [hedemõ'ĩjʊ] - (2 casos) , não houve alçamento;
- nos casos em que a palavra pertencia à classe dos verbos não houve alçamento (235 casos).

Após a primeira rodada, na qual foram considerados cada um dos segmentos vocálicos e consonantais separadamente, optou-se por realizar um agrupamento de acordo com os seguintes aspectos:

- as consoantes foram agrupadas de acordo com o modo de articulação (bilabiais, dentais, alveolares, palatais e velares);
- as vogais foram separadas em orais e nasalizadas, sendo as orais agrupadas em médias anteriores [e, ɛ], alta anterior [i], médias posteriores [o, ɔ], alta posterior [u]; e as nasais mantidas individualmente, exceto a vogal nasal central, que foi agrupada junto com a oral central [a, ɐ̃].

Com o agrupamento e a realização de uma nova rodada, os casos em que não houve variação reduziram para as seguintes situações:

- nos casos em que a vogal tônica era [ẽ] – 428 casos -, como em *terreno*, não houve alçamento;
- nos casos em que a vogal átona seguinte era [ɛ ,e], como em *televisão* e *veneziana* (184 casos); [ɐ̃, a] como em *pernambucano* e *cerração* (189 casos); [ũ], como em *perguntar* (46 casos); ou [õ], como em *redemoinho* – com pronúncia [hedemõ'ĩjʊ] - (2 casos) , não houve alçamento;
- nos casos em que a palavra era um verbo não houve alçamento (235 casos).

Considerando o que propõem Guy e Zilles (2007), os casos citados acima, nos quais não ocorreu a variação, foram retirados para a rodada final. Após a retirada dos casos citados anteriormente e feita nova rodada, os grupos selecionados pelo programa como significativos, nesta ordem de importância, foram os seguintes: vogal tônica, consoante subsequente, posição e contiguidade, vogal átona seguinte, consoante precedente, tipo de questionário, tamanho da palavra, faixa etária e localidade. Foram eliminados pelo programa os grupos de estrutura silábica e sexo do informante.

A análise do presente estudo será iniciada com a apresentação dos resultados referentes aos fatores linguísticos, que foram os que se mostraram mais significativos, seguida pela apresentação dos fatores sociais.

5.2.1.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa foram, em ordem de importância: vogal tônica, consoante subsequente, posição e contiguidade, vogal átona seguinte, consoante precedente e tamanho da palavra. A abordagem das variáveis linguísticas seguirá discutindo as ocorrências a partir da variável indicada como preferencial pelo programa.

Dentre os grupos referentes aos fatores linguísticos, o grupo que se mostrou mais significativo para a ocorrência do alçamento foi o grupo 4 – vogal tônica. Segue abaixo uma tabela com os resultados:

Tabela 2 – Vogal Anterior: Natureza da Vogal Tônica

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
[u]	32/63	50%	0,97	S[i]guro
[ĩ]	30/114	26%	0,89	Tang[i]rina
[i]	145/299	48%	0,88	F[i]rida
[ũ]	43/174	24%	0,81	R[i]d[i]munho

Input 0.323; Log likelihood = - 676,334 Significance = 0.049

A vogal alta anterior, oral e nasal, se mostrou um fator importante para a ocorrência do alçamento vocálico da vogal pretônica anterior, assim como a vogal alta posterior oral e nasal. Em palavras como *menino/menina, ferida e seguro* o alçamento foi quase categórico. O processo de alçamento, no qual a vogal tônica é uma vogal alta (i, u),

tornando alta a vogal média (e, o), é explicado por Silva (2008) por uma regra supra-dialetal, variável, a Regra Variável de Elevação (RVE), responsável por alternâncias no português do Brasil. Essa regra já foi atestada por outros pesquisadores, como Bisol (1981) no falar gaúcho, e não se apresenta como um traço diferenciador entre a pronúncia do Norte e a pronúncia do Sul, mas sim como um ponto de convergência nesse ambiente de variação dialetal (cf. HORA, 1998). Visto que todas as vogais altas se apresentaram como favorecedoras para o alçamento, os resultados encontrados comprovam a aplicação dessa regra.

As outras vogais, médias e baixas, em posição tônica, apresentaram pesos relativos abaixo de 0,40 ou não apresentaram variação, sendo retiradas da rodada final, conforme dito anteriormente. Os resultados parecem demonstrar que é a altura da vogal que favorece o alçamento através do processo de espraiamento de traços. Assim, é a harmonia vocálica que parece ser determinante para a ocorrência ou não do fenômeno.

A seguir é demonstrada uma descrição dos segmentos vocálicos anteriores de acordo com o seu conjunto de traços, segundo a teoria de Chomsky e Halle (1968). A partir da comparação entre os segmentos, é possível explicar os processos assimilatórios:

[e]		[i]
[+ soante]		[+ soante]
[+ silábico]		[+ silábico]
[- consonantal]		[- consonantal]
[+ anterior]		[+ anterior]
[- alto]	—————→	[+ alto]
[- baixo]		[- baixo]
[- posterior]		[- posterior]
[- arredondado]		[- arredondado]
[+ sonoro]		[+ sonoro]

Analisando e comparando os segmentos [e] e [i], é possível perceber que eles compartilham praticamente todos os traços, exceto o traço referente à altura. Assim, estando a vogal alta [i] em posição acentuada, por exemplo, há um favorecimento do processo de assimilação, tornando alta a vogal média, a partir da harmonia vocálica.

Agora note-se a comparação entre os segmentos [e], [i] e [u], para entender o alçamento em vocábulos como *siguro/seguro*.

[e]	[i]	[u]
[+ soante]	[+ soante]	[+ soante]
[+ silábico]	[+ silábico]	[+ silábico]
[- consonantal]	[- consonantal]	[- consonantal]
[+ anterior]	[+ anterior]	[- anterior]
[- alto]	[+ alto]	[+ alto]
[- baixo]	[- baixo]	[- baixo]
[- posterior]	[- posterior]	[+ posterior]
[- arredondado]	[- arredondado]	[+ arredondado]
[+ sonoro]	[+ sonoro]	[+ sonoro]

Analisando agora a comparação entre três segmentos vocálicos ([e], [i] e [u]), é possível perceber que as duas vogais altas [i] e [u] compartilham mais traços entre si do que a vogal alta [u] e a vogal média [e]. Assim, estando a vogal [u] em posição tônica, há um espriamento dos traços da vogal alta [u] em direção à vogal média [e], favorecendo a ocorrência do alçamento de [e] para [i].

O segundo grupo que se mostrou mais significativo para a ocorrência do alçamento vocálico foi o grupo 7 – consoante subsequente. Segue abaixo uma tabela para melhor visualização dos resultados, demonstrados em peso relativo:

Tabela 3 – Vogal Anterior: Consoante Subsequente

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
Consoantes alveolares	272/1184	22%	0,85	M[i]nino D[i]svio T[i]soura
Consoantes palatais	13/90	14%	0,78	M[i]xerica Var[i]jeira

Input 0.323; Log likelihood = - 676,334 Significance = 0.049

A partir da tabela acima, podemos perceber que apenas os grupos referentes às consoantes alveolares e palatais se mostraram favorecedores para a ocorrência do alçamento, sendo que o grupo que apresentou maior peso relativo foi o dos segmentos

alveolares, em ocorrências como *menino*, *desvio* e *tesoura*, com peso relativo de 0,85. Nesse grupo, vale destacar a consoante [s] em posição de coda silábica, em vocábulos como *testemunho* e *desmaio*, visto que o alçamento ocorreu quase que de forma categórica.

Muitos autores já atestaram essa influência, como é o caso de Bisol (2009, p. 79), afirmando que, neste caso, o que ocorre é um caso de neutralização: há um desligamento de traços de abertura e de preenchimento de outros traços. O alçamento, então, ocorre devido a um espraiamento de traços da sibilante em direção à vogal média anterior. A articulação do aparelho fonador para a produção do som da sibilante é muito mais próxima da articulação para a realização da vogal alta /i/ do que da vogal média /e/.

É importante ressaltar que aqui foram consideradas duas posições silábicas diferentes para o [s]: 1. em coda silábica, como em *desmaio*; 2. em posição de ataque da sílaba, como em *tecido* e *seguro*. Em palavras com o [s] em coda, como *desvio* e *menstruação* (emitida sem a nasalização da vogal [e]), o alçamento se mostrou quase categórico. Porém, os dois segmentos foram agrupados no mesmo grupo na rodada final (consoantes alveolares).

Já com relação ao grupo das consoantes palatais, com peso relativo de 0,78, embora o número de casos seja alto, a maioria diz respeito ao mesmo vocábulo: *mexerica*, em que há a presença do segmento [ʃ] em posição subsequente à vogal em análise. Neste caso, é necessário levar em consideração à presença da vogal alta [i] na sílaba tônica, neste caso a sílaba seguinte, o que já seria favorecedor para o alçamento vocálico. Seria necessária a análise de outros vocábulos em que isso ocorre para comprovar se o que causou o alto número de alçamentos foi a consoante subsequente [ʃ] ou a vogal alta [i] em posição tônica.

Além do segmento [ʃ], outro segmento que faz parte do grupo das consoantes palatais é o [ʒ], em ocorrências como *varejeira*. Em posição de consoante subsequente, esse foi o único vocábulo em que o segmento ocorreu, havendo alguns casos de alçamento (*varijeira/varejeira*).

Outras consoantes que entram no grupo das palatais são [ʎ], como em *milhor/melhor*; e [ɲ], como em *ninhum/nenhum*. Embora não tenham sido encontrados exemplos assim no *corpus* analisado, é importante refletir sobre a ocorrência rotineira de alçamento nos vocábulos supracitados, em que há a presença das consoantes palatais e relacionar o alçamento ao fato de a articulação para a produção dessas consoantes ser muito mais próxima da vogal [i] do que da vogal média [ɛ, e].

O grupo 2 – posição e contiguidade – também foi selecionado pelo programa como significativo para a ocorrência do alçamento, sendo que apenas em uma posição o peso relativo ficou acima do valor neutro de 0,5:

Tabela 4 – Vogal Anterior: Posição e Contiguidade

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
Grupo 1: sílaba inicial e contígua à tônica	198/1458	13%	0,49	T[i]soura
Grupo 2: sílaba inicial e não contígua à tônica	41/601	6%	0,12	P[i]rnilongo
Grupo 3: sílaba não inicial e contígua à tônica	197/604	32%	0,92	Prat[i]leira
Grupo 4: sílaba não inicial e não contígua à tônica	6/115	5%	0,09	Int[i]rruptor

Input 0.323; Log likelihood = - 676,334 Significance = 0.049

Conforme demonstrado na tabela acima, o estudo considerou duas posições distintas da vogal em análise (se na sílaba inicial ou não) e a contiguidade ou não da vogal em análise com relação à sílaba tônica. Apenas o grupo 3 (sílaba não inicial e contígua à tônica) apresentou peso relativo acima do ponto neutro, com valor de 0,92, em ocorrências como *pratleira/prateleira* e *tangirina/tangerina*. O grupo 1 (sílaba inicial e contígua à tônica) foi o segundo com maior peso relativo (0,49), em ocorrências como *tisoura/tesoura* e *firida/ferida*, seguido dos demais grupos com pesos relativos abaixo de 0,20.

Com base nesses dados, é possível afirmar que a contiguidade à sílaba tônica parece ser um fator significativo para a ocorrência do alçamento, em especial no caso dos vocábulos que possuem uma vogal alta na sílaba tônica, visto que a assimilação ocorre quase que categoricamente quando há a proximidade da vogal pretônica com a vogal tônica. Assim, a não contiguidade, ou seja, o distanciamento da vogal pretônica em relação à vogal tônica (no caso desta ser uma vogal alta) pode ser um fator desfavorecedor para a ocorrência do alçamento, em casos como *derrotista*, em que dificilmente observamos o alteamento da vogal média.

O grupo 5 – vogal átona seguinte - também foi selecionado pelo programa como significativo. A tabela a seguir mostra os resultados encontrados:

Tabela 5 – Vogal Anterior: Vogal Átona Seguinte

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
[ẽ]	10/11	90%	0,99	D[i]sdentado
[ĩ]	3/5	60%	0,91	P[i]rnilongo
[u]	9/57	15%	0,74	Red[i]muinho

Input 0.323; Log likelihood = - 676,334 Significance = 0.049

Observando os resultados, é possível notar que a vogal média nasal [ẽ] em posição átona seguinte foi a que apresentou maior peso relativo (0,99), um resultado praticamente categórico para o alçamento. No entanto, a vogal nessa posição ocorreu basicamente no vocábulo *disdentado/desdentado*, o que pode ser explicado, também, pela presença do [s] em coda silábica que, como já foi dito acima, demonstra-se um fator significativo para o alçamento da vogal média anterior. As demais vogais selecionadas pelo programa, [ĩ] e [u], também apresentaram peso relativo significativo (0,91 e 0,74 respectivamente), com resultado semelhante aos achados referentes à vogal tônica, o que comprova que a vogal alta, anterior e posterior, oral e nasal, representa um importante fator favorecedor para a ocorrência do alçamento vocálico, sendo explicado por um processo de assimilação, comprovado através da RVE, já citada anteriormente.

Com relação à importância da vogal átona seguinte, Araújo (2007, p. 111) percebeu, em seu estudo sobre a fala de Fortaleza, que “a tonicidade não é um fator tão determinante no alteamento de /e/ quanto a altura da vogal seguinte à pretônica em foco, já que o processo ocorre tanto em sílaba acentuada quanto em sílaba inacentuada.” Para ilustrar essa informação, a autora traz como exemplos alguns vocábulos que comprovam que o alteamento ocorre mesmo diante da vogal átona alta: t[i]st[i]munho, r[i]spirava, c[i]mitério, p[i]rigoso, r[i]gistrador. Assim, parece ser muito mais importante a presença de uma vogal alta [i] próxima à vogal em análise do que o fato dessa vogal alta estar ou não em posição tônica.

Outro grupo de fatores linguísticos que se mostrou significativo foi o grupo 8 – consoante precedente, com os seguintes resultados:

Tabela 6: Vogal Anterior: Consoante Precedente

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
Consoantes Palatais	55/105	52%	0,88	Mex[i]rica Tang[i]rina
Consoantes Dentais	62/285	21%	0,77	F[i]rida Trav[i]sseiro

Input 0.323; Log likelihood = - 676,334 Significance = 0.049

As consoantes palatais foram as que apresentaram o maior peso relativo (0,88) para a ocorrência do alçamento. A consoante precedente [ʃ] foi quase categórica para a ocorrência do alçamento, no vocábulo *mexerica*, emitida por quase todos os informantes como *mixirica*. A consoante em questão possui uma articulação muito mais próxima da articulação da vogal alta [i], visto que é uma fricativa palatal. A consoante [ʒ] em posição precedente ocorreu em vocábulos como *tangirina/tangerina* e *jirimum/jerimum*. No entanto, nos dois exemplos, temos a presença da vogal alta [i] na sílaba tônica ou na sílaba átona seguinte, o que pode explicar esse número tão alto de alçamento. Outro vocábulo em que a consoante ocorre nessa posição é *geleia*, porém não houve registro de alçamento. Ainda assim, o segmento consonantal [ʒ], uma fricativa palatal sonora, possui uma articulação muito mais próxima da articulação da vogal alta [i], uma palatal alta do que da vogal média [e], uma média-palatal. Podemos afirmar, então, que há também um processo assimilatório que contribui para o alçamento.

As consoantes dentais [f] e [v] aparecem logo em seguida, com peso relativo de 0,77, em vocábulos com *firida/ferida* e *travisseiro/travesseiro*. O alçamento ocorreu na maior parte dos casos, porém os fatores favorecedores possuem explicações diferentes: no caso de *firida/ferida*, por exemplo, temos a presença da vogal alta em posição tônica, que já se provou um fator significativo para o alçamento da vogal média; já em *travisseiro/travesseiro*, a consoante [v], uma fricativa labiodental sonora atua como favorecedora para o alçamento, mesmo com a presença de uma vogal média na sílaba tônica, pois sua articulação é muito mais próxima da vogal alta do que da vogal média.

Embora outros grupos de consoantes, a exemplo das consoantes alveolares, não tenham sido selecionados pelo programa, há certos vocábulos, que possuem ocorrência praticamente categórica para o alçamento, como é o caso de *pratadeira*. Essas realizações podem ser emitidas por homens e mulheres, de qualquer faixa etária e de qualquer região do Brasil. Segundo Bisol (2009)

a harmonização vocálica, no português brasileiro, de vivência remota, já atingiu esse grau de regularidade, manifestando-se como uma variação sistemática e estável. Documentos que mostram sua regularidade e estabilidade no português brasileiro de norte a sul do País não faltam (Bahia, Silva 1989; Rio Grande do Sul, Bisol 1981, Schwindt, 2002, Casagrande, 2003, e Rio de Janeiro, Callou, Moraes e Leite, 2002, entre outros) É, inegavelmente, uma regra neogramática, dependente do sistema, favorecida por certos contextos, o que não a impede de ser aplicada em contextos menos favorecedores, em virtude de seu caráter variável, sempre, porém, sob a égide de seu condicionador fonético, a vogal alta seguinte. É [...] uma regra de mudança de estrutura e concomitantemente uma regra de preenchimento, pois os traços da vogal média, o alvo, são desligados para serem preenchidos pelo traço da vogal alta, a propulsora (BISOL, 2009, p. 87).

Assim, embora os condicionantes linguísticos atuem como principais favorecedores para a ocorrência do alçamento vocálico, em especial a presença de uma vogal alta seguinte à vogal em análise, confirmados neste estudo, há casos em que o fenômeno ocorre mesmo em contextos sem causa aparente ou que fogem à regra de harmonia vocálica.

O tipo de questionário (grupo 13) também se mostrou um importante fator para o alçamento vocálico da vogal anterior, sendo o QFF o que apresentou um peso relativo mais alto: 0,71 (o QSL apresentou peso relativo de 0,33). Porém, é importante frisar que a maior parte das palavras do *corpus* fazem parte do QFF, em especial os vocábulos com vogal pretônica anterior. Isso pode estar causando um enviesamento dos dados.

O grupo 8 – número de sílabas, também foi selecionado pelo programa como importante, conforme tabela a seguir:

Tabela 7 – Vogal Anterior: Número de sílabas

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
2 sílabas	14/202	6%	0,28	D[i]svio
3 sílabas	217/1345	16%	0,66	S[i]guro
4 sílabas ou mais	211/1229	17%	0,26	Red[i]muinho

Input 0.323; Log likelihood = - 676,334 Significance = 0.049

As palavras trissilábicas foram as que apresentaram o maior peso relativo (0,66), em ocorrências como *fírida/ferida*, *siguro/seguro* e *tísoura/tesoura*. Porém, é importante ressaltar que 48% das palavras do *corpus* são trissilábicas, ou seja, praticamente metade dos vocábulos estudados, e que a maioria possui a estrutura de posição inicial e contígua

à tônica, fator que se mostrou significativo para a ocorrência do alçamento. Assim, há uma combinação de fatores que favorecem o fenômeno.

Para além das variáveis linguísticas que foram discutidas, há também fatores extralinguísticos que parecem, de alguma maneira, favorecer o alçamento. Estes serão discutidos a seguir.

5.2.1.2 Variáveis Extralinguísticas

Com relação aos grupos referentes a fatores extralinguísticos, o grupo 11 - faixa etária - foi o que se tornou mais significativo para a ocorrência do alçamento, com os seguintes resultados: a faixa etária 2 se mostrou mais favorecedora para o alçamento do que a faixa etária 1, com pesos relativos de 0,44 e 0,55, respectivamente.

É importante ressaltar que, embora a faixa etária tenha sido um grupo selecionado pelo programa, a diferença entre os resultados da faixa 1 e faixa 2 é mínima, e este foi o penúltimo grupo selecionado, em ordem de importância. Assim, embora haja um maior número de falantes mais velhos que realizam o alçamento, a diferença é muito pequena, o que pode demonstrar que o alçamento é um processo de variação estável e bastante difundido, visto que não conta com estigmas e preconceitos, a exemplo de outros fenômenos fonéticos como o rotacismo. Bisol (1981) observou, em seu estudo sobre o falar gaúcho, que o alteamento, embora não estigmatizado, por conta provavelmente da ortografia, mostrou-se menos produtivo entre os falantes cultos, sobretudo os mais jovens, o que seria indício de que a regra poderia estar regredindo (BISOL, 1981, p. 261-262).

Os resultados demonstram que o fenômeno do alçamento das vogais médias pretônicas anteriores parece ser regido, principalmente, por fatores linguísticos, em especial a natureza (alta) da vogal que aparece depois da vogal em análise e de alguns segmentos consonantais.

O último grupo selecionado pelo programa como significativo para a ocorrência do alçamento foi o grupo 12 – localidade. Os resultados estão postos a seguir:

Tabela 8: Vogal Anterior: Diatopia

Localidade	Canindé (CE)	Quixeramobim (CE)	Ijuí (RS)	Iguatu (CE)	Santa Maria (RS)	Santa Cruz do Sul (RS)
Frequência	44/196	42/219	58/273	38/199	43/242	47/256
%	22%	19%	21%	19%	17%	18%
Peso Relativo	0,69	0,60	0,58	0,56	0,55	0,52

Input 0.323; Log likelihood = - 676,334 Significance = 0.049

As localidades que apresentaram pesos relativos significativos para o fenômeno do alçamento da vogal em contexto anterior foram seis, sendo três destas pertencentes ao estado do Ceará (Canindé, Quixeramobim e Iguatu) e três pertencentes ao Rio Grande do Sul (Ijuí, Santa Maria e Santa Cruz do Sul). Os pesos relativos não apresentam diferenças significativas, sendo o município de Canindé (CE) o com maior peso (0,69) e o município de Santa Cruz do Sul (RS) o com menor peso relativo (0,52). É importante ressaltar aqui que o grupo referente à localidade foi o último em grau de importância selecionado pelo programa. Assim, é importante analisar este fato e comparar com os dados encontrados para o alçamento da vogal posterior, visto que, até então, o alçamento é tido como um fenômeno supradialetal, ou seja, que se apresenta de modo semelhante independentemente da região, conforme Silva (2008), assim como se afirma entre as hipóteses adotadas no presente estudo.

O outro grupo referente a fatores sociais, o grupo 10 – sexo do informante -, foi um dos grupos eliminados pelo programa, o que demonstra que não há muita relação do alçamento com os fatores sociais e sim com fatores de ordem linguística. Agora partiremos para a análise dos dados encontrados para a vogal posterior.

5.2.2 O alçamento da vogal posterior

Serão analisados e demonstrados na presente seção os resultados referentes ao alçamento da vogal média pretônica em contexto posterior. Os grupos de variáveis incluídos para a análise são os mesmos que foram considerados para a análise de vogal no contexto anterior, porém os resultados se mostraram diferentes com relação aos grupos selecionados pelo programa. Após a submissão dos dados ao Goldvarb 2001, alguns fatores se mostraram categóricos e não apresentaram variação:

- nos casos em que a vogal em posição tônica é [ɔ] - 95 casos -, como em *goró*, e [ũ] - 33 casos -, como em *corcunda*, não ocorreu alçamento;
- nos casos em que a vogal átona seguinte é [ɐ̃] - 4 casos – como em *rocambole*; [o] - 97 casos – como em *tornozelo*; [ɔ] - 28 casos – como em *promoção* (na pronúncia aberta); e [ẽ] - 10 casos -, como em *correnteza*, não houve alçamento.

Após a primeira rodada, na qual foi considerado cada um dos segmentos vocálicos e consonantais separadamente, optou-se por realizar um agrupamento seguindo os seguintes aspectos:

- as consoantes foram agrupadas de acordo com o modo de articulação (bilabiais, dentais, alveolares, palatais e velares);
- as vogais foram separadas em orais e nasalizadas, sendo as orais agrupadas em médias anteriores [e, ɛ], alta anterior [i], médias posteriores [o, ɔ], alta posterior [u]; e as nasais mantidas individualmente, exceto a vogal nasal central, que foi agrupada junto com a oral central [a, ɐ̃].

Com o agrupamento e a realização de uma nova rodada, os casos em que não houve variação reduziram para as seguintes situações:

- nos casos em que a vogal em posição tônica é [ũ] - 33 casos -, como em *corcunda*, não ocorreu alçamento;
- nos casos em que a vogal átona seguinte é [o, ɔ] - 125 casos – como em *tornozelo* e *promoção* (na pronúncia aberta); e [ẽ] - 10 casos -, como em *correnteza*, não houve alçamento;

Assim, esses casos foram retirados para a rodada final. Após a retirada dos casos citados anteriormente e feita nova rodada, os grupos selecionados pelo programa como significativos, nesta ordem de importância, foram os seguintes: vogal tônica, consoante subsequente, consoante precedente, contiguidade e posição, localidade, vogal átona posterior, estrutura silábica e número de sílabas.

Foram eliminados pelo programa os grupos referentes ao sexo do informante, faixa etária, tipo de questionário e classe de palavra (se nome ou verbo). Os grupos que se mostraram mais significativos para a ocorrência do alçamento foram grupos referentes a fatores linguísticos, o mesmo resultado encontrado para o alçamento da vogal média

anterior, o que pode indicar que, de fato, são os fatores linguísticos os mais importantes para a ocorrência do fenômeno em questão. A seguir iremos analisar os resultados encontrados.

5.2.2.1 Variáveis linguísticas

O grupo que se mostrou mais significativo para a ocorrência do alçamento da vogal em contexto posterior foi um grupo de fatores linguísticos, o grupo 4 – vogal tônica, mesmo grupo que foi selecionado pelo programa na análise da vogal em contexto anterior. Segue uma tabela para melhor visualização dos resultados, demonstrados em peso relativo:

Tabela 9 – Vogal Posterior: Natureza da Vogal Tônica

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
[ĩ]	16/57	28%	0,87	Dorm[ĩ]do
[i]	117/294	39%	0,72	Assov[i]o
[ε/e]	95/575	16%	0,65	Bot[ε]co/ Borr[e]go
[ẽ]	14/130	10%	0,59	Torm[ẽ]ta

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

Das vogais em posição tônica que se mostraram favorecedoras para o alçamento, demonstradas acima, mostraram valores significativos a vogal alta [i], nasal/nasalizada ou oral, e a vogal anterior [ε, e]. Comparando com resultados de outras pesquisas acerca do tema, as vogais altas já eram fatores esperados, em vocábulos como *ridimuiinho/redemoinho* e *bunito/bonito*. Kailer (2012), analisando a fala do Paraná, constatou os condicionadores sociais e linguísticos favoráveis à manutenção ou alçamento de /o/ pré-tônico. Comparando dados de dois *corpora*, coletados nos períodos entre 1988-1989 e 2006-2007, o autor verificou que o fenômeno é, geralmente, determinado pelos mesmos princípios fonéticos em ambos os períodos analisados. Assim, o alçamento é preferido quando a vogal média alta posterior é seguida por vogal alta na sílaba adjacente.

Porém aqui, o que chama mais atenção, é uma palavra com vogal anterior [ε/e] em posição tônica apresentar um número tão expressivo de alçamentos. Analisando as palavras que pertencem ao *corpus* desta pesquisa, podemos identificar o fenômeno em vocábulos como *culher/colher*, *buteco/boteco* e *burrego/borrego*. Em todos esses casos

há explicações de assimilação de traços que podem estar atuando de forma mais incisiva do que a vogal tônica: analisando o vocábulo *colher*, por exemplo, vemos que a consoante antecedente à vogal em análise é uma oclusiva velar. Assim, sendo a vogal [o] uma vogal palatal e a vogal [u] uma vogal velar, há muito mais proximidade articulatória entre [k] e [u] do que entre [k] e [o]. Já nos casos de *boteco* e *borrego*, temos a consoante bilabial [b] que, como já analisado anteriormente, possui uma articulação para produção mais próxima da vogal alta [u].

O segundo grupo selecionado pelo programa foi o grupo 7 – Consoante Subsequente, conforme tabela a seguir:

Tabela 10 – Vogal Posterior: Consoante Subsequente

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
Consoantes Palatais	23/42	54%	0,97	C[u]xia C[u]lher
Consoantes Bilabiaias	57/246	23%	0,86	Ass[u]bio (assovio) T[u]mate
Consoantes Dentais	46/195	23%	0,78	S[u]vina
Consoantes Alveolares	163/965	16%	0,52	B[u]nito B[u]teco

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

O grupo das consoantes, assim como ocorrido na análise dos resultados encontrados para o alçamento das vogais anteriores, se mostrou como de grande impacto para o alçamento da vogal posterior. Em posição subsequente, ou seja, na posição que segue a vogal em análise, muitas consoantes se mostraram favorecedoras para o fenômeno, sendo os segmentos palatais e bilabiaias os que alcançaram o maior peso relativo, como visto na tabela acima. O alçamento ocorreu em vocábulos como *culher/colher* e *tumate/tomate*, nos quais não há uma vogal alta na sílaba tônica que pudesse explicar o fenômeno. Porém, no caso do alçamento na presença das consoantes palatais [ʃ, ʎ], é possível perceber que há outros fatores atuando juntos para favorecer o alçamento: no caso de *cuxia/coxia*, único vocábulo em que ocorre a consoante palatal [ʃ] em posição seguinte no *corpus*, temos a presença da vogal alta [i] na sílaba tônica, o que diversos estudos já comprovaram ser o principal fator favorecedor para o alçamento. Além disso, tanto no vocábulo *cuxia/coxia* quanto no vocábulo *culher/colher* há a

presença da consoante precedente [k], uma consoante velar que, como já foi dito, possui uma proximidade articulatória muito maior com a vogal velar [u] do que com a vogal palatal [o].

As outras consoantes subsequentes que mostraram altos pesos relativos foram os segmentos dentais, que podem ser vistos em casos como *assuvio/assovio*, no caso da consoante [v]. É importante ressaltar, no entanto, que, embora o alçamento tenha sido praticamente categórico nesse vocábulo (assim como na realização *assubio/assobio*), a vogal alta na sílaba tônica (e seguinte) pode ser um fator determinante para o alteamento da vogal, e não necessariamente a consoante dental.

Por fim, as consoantes alveolares foram selecionadas pelo programa como favorecedoras do alçamento, em ocorrências como *bunito/bonito e buteco/boteco*. No entanto, em praticamente todas as palavras do *corpus* em que houve alçamento e na qual há a vogal posterior seguida de uma consoante alveolar, há a presença de uma consoante bilabial antecedente (*musquito, budegá, buteco, bunito*), que possui o traço de arredondamento dos lábios, se aproximando muito mais da articulação para a produção da vogal alta [u]. Assim, partiremos agora para a análise dessas consoantes em posição antecedente, visto que esse grupo foi o terceiro selecionado pelo programa como favorecedor para o alçamento. Segue tabela com os resultados encontrados:

Tabela 11 – Vogal Posterior: Consoante Precedente

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
Consoantes Bilabiais	170/590	28%	0,83	Borb[u]leta M[u]squito
Consoantes Dentais	11/92	11%	0,74	V[u]mitar
Consoantes Palatais	58/193	30%	0,66	Ch[u]ver

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

As consoantes em posição anterior que apresentaram pesos relativos mais significativos foram as que possuem algum traço de labialização, em vocábulos como *borbuleta/borboleta e mosquito/mosquito*. É possível relacionar o traço de labialização como favorecedor para o alçamento, visto que as consoantes [b] e [m] possuem uma articulação bilabial para sua produção e a vogal alta [u] é muito mais próxima de sua produção, visto que, das vogais arredondadas, é a que possui o menor grau de afastamento dos lábios para sua emissão.

As consoantes com articulação dental [f , v] também apresentaram casos frequentes de alçamento, em vocábulos como *vumitar/vomitar* e *fuligem/foligem*. No entanto, nos vocábulos em que ocorreu o fenômeno, há também a presença da vogal alta [i], seja em posição tônica ou posição átona subsequente. Araújo (2007) já havia comprovado, em seu estudo sobre as vogais pretônicas de Fortaleza, que a vogal alta anterior [i] favorece mais a aplicação da regra da harmonia vocálica do que a vogal alta posterior [u]. A autora afirma que “é mais frequente ouvir, no falar dos fortalezenses, d[u]rmiu, s[u]fri, c[u]rtina, ap[u]zentaduria que k[u]luna, c[v]rcunda, t[v]rtura.” (ARAÚJO, 2007, p. 79). Assim, a vogal alta [i] poderia estar favorecendo o alçamento, juntamente com a consoante dental, principalmente no caso da consoante [f], visto que não faltam exemplos semelhantes na fala cotidiana dos brasileiros: *furmiga/formiga*, *fugueira/fogueira*, *fulia/folia*.

Por fim, apresentando o menor peso relativo, estão as consoantes palatais [ʃ , ʒ], em vocábulos como *chuver/chover* (uma das únicas ocorrências de consoante palatal na posição antecedente). Esse alçamento pode ser explicado por ser um verbo derivado do substantivo *chuva*, que possui a vogal alta na sílaba tônica. Assim, os falantes tendem a falar que “vai *chuver*” ou que “está *chuvendo*”, mas dificilmente falam *churar* ou *churando* , (levando em conta o mesmo contexto consonântico anterior), formas verbais do verbo “*chorar*”.

Sobre esse fato, Oliveira (1992, p. 33), em um estudo sobre difusão lexical, afirma que “há mudanças sonoras que não podem ser seriamente tratadas como sendo foneticamente condicionadas” e que, em alguns casos, “o condicionamento é lexical, fora da ajuda de qualquer contexto fonético”. Para exemplificar tal afirmação, o autor aponta exemplos encontrados na fala do dialeto de Belo Horizonte, a exemplo de “*midida*” e “*medita*”, sendo o primeiro caso muito frequente e o segundo não encontrado na fala mineira. Além disso, Oliveira (1992) chama atenção para o fato que, no dialeto mineiro, algumas formas de verbos aparecem categoricamente com alçamento (*podia* e *murrer*) e outras sempre preservam a vogal média (*podemos* e *morreu*). O autor conclui então que “uma mudança é licenciada lexicalmente, e cada dialeto terá a sua própria lista de itens atingidos, independentemente de contexto fonético. [...] Uma vez atingido, o item em questão se submete à avaliação local. [...] Isto pode levar à reestruturação ou à flutuação.” (OLIVEIRA, 1992, p. 36). Tal afirmação explica alguns casos encontrados no presente *corpus*, a exemplo de *chuver*, no qual não há a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, tônica ou não, e ainda assim o alçamento ocorreu de forma quase categórica.

Outro grupo de fatores linguísticos que foi selecionado pelo programa de análise estatística foi o grupo referente à posição e contiguidade da sílaba que contém a vogal em análise, conforme tabela a seguir:

Tabela 12 – Vogal Posterior: Posição e Contiguidade

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
Posição 1 (inicial e contígua)	238/1201	19%	0,70	D[ur]mindó
Posição 2 (inicial e não contígua)	26/354	7%	0,08	S[u]vaqueira
Posição 3 (não inicial e contígua)	62/507	12%	0,39	Ass[u]vio
Posição 4 (não inicial e não contígua)	1/10	10%	0,10	Ass[u]viada

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

Sobre a posição e contiguidade, o único perfil selecionado foi a posição inicial e contígua a tônica, com peso relativo de 0,70, em vocábulos como *tumate/tomate* e *burrego/borrego*. No entanto, a maior parte do *corpus* em análise, com ocorrência de pretônica posterior, possui essa estrutura (*bunito, budega, buteco, truvão, dormindo, gurdura*), o que pode estar enviesando o resultado. Felice (2012), em seu estudo sobre o alçamento das vogais médias pretônicas em Uberlândia, encontrou os seguintes resultados: o grupo referente à posição da vogal pretônica na palavra foi o segundo a ser selecionado pelo GoldVarb como favorecedor para o alçamento da vogal posterior, sendo a posição inicial a que apresentou o maior peso relativo (0,61). A contiguidade também foi selecionada, sendo a distância zero, ou seja, a sílaba imediatamente seguida pela tônica, a mais favorecedora para o alçamento, com peso relativo de 0,60.

Embora tenha apresentado peso relativo abaixo de 0,50, foram os vocábulos da posição 3 (não inicial e contígua) os que apresentaram o segundo maior peso relativo. Assim, é possível afirmar que a contiguidade é um fator mais importante para a ocorrência do alçamento vocálico do que a posição da vogal na palavra (se inicial ou não).

O próximo grupo de fatores linguísticos selecionado pelo programa foi o grupo referente à vogal átona posterior, com os seguintes resultados:

Tabela 13 - Vogal Posterior: Vogal Átona Seguinte

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
[e , ε]	3/16	18%	0,89	C[u]letivo
[i]	16/117	13%	0,69	V[u]mitar
[a]	6/80	7%	0,64	S[u]vaqueira

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

Diferentemente do resultado encontrado para a vogal em contexto anterior, nenhuma vogal nasalizada foi selecionada pelo programa. A vogal átona seguinte que apresentou maior peso relativo (0,89) foi a vogal média anterior, com timbre aberto ou fechado. Sobre esse grupo, é importante atentar-se para as limitações do *corpus* em análise: há poucas palavras que possuem esse contexto de uma vogal posterior seguida de uma vogal átona. Dentre esses vocábulos, temos como exemplo de [e] em posição átona seguinte em *culetivo/coletivo* (que foi emitido por apenas 1 falante); [a], que acontece nesse contexto apenas no vocábulo *suvaqueira/sovaqueira*; e [i] na mesma posição em *cumilão/comilão, vumitar/vomitar*, que possuem outros fatores envolvidos já analisados anteriormente.

Sobre a relação existente entre a natureza da vogal que aparece em posição seguinte à vogal em análise, outras pesquisas constataram que, apesar de a vogal tônica parecer ser o principal condicionante para o alçamento, a vogal átona seguinte à vogal em análise também possui influência sobre o fenômeno do alçamento. Sobre este fato, de acordo com Araújo (2007)

Apesar da vogal alta tônica apresentar-se como o contexto mais favorável à elevação da posterior, a tonicidade não é necessariamente o condicionador principal da regra de harmonização vocálica, uma vez que o alteamento também é aplicado no contexto de vogal átona contígua, como demonstram os exemplos: ac[u]stumei, v[u]mitado, s[u]frimento, arr[v]deando. Então, é possível afirmar que o traço alto da vogal contextual é mais determinante na aplicação da regra do que a tonicidade, posto que o alteamento ocorre tanto em sílabas átonas quanto em sílabas tônicas. Isto parece comprovar o que já havia sido observado por Bisol (1981) no dialeto gaúcho. (ARAÚJO, 2007, p. 81).

Assim, embora apenas três vogais átonas tenham sido selecionadas nesta pesquisa como favorecedoras para o alçamento, elas apresentaram alto peso relativo e a maior parte das palavras pertencentes a este *corpus* possuem uma estrutura que, de certa forma, prejudica a análise do contexto, já que a maioria das palavras com vogal posterior

possuem a estrutura vogal pretônica – sílaba tônica, como *dormindo*, *assovio*, *trovão*, *colher* e *boteco*.

O penúltimo grupo linguístico selecionado pelo programa foi o grupo que diz respeito à estrutura silábica do vocábulo. Os resultados encontrados estão demonstrados na tabela a seguir:

Tabela 14 – Vogal Posterior: Estrutura Silábica

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
CV (consoante + vogal)	262/1487	17%	0,44	B[u]teco
CVC (consoante + vogal + consoante)	53/432	12%	0,64	D[ur]mindo
CCV (consoante + consoante + vogal)	12/153	7%	0,65	Tr[u]vão

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

Analisando a importância da estrutura silábica para a ocorrência do alçamento vocálico, é possível verificar que o grupo que apresentou maior peso relativo (0,65) foi o da sílaba no formato CCV, em ocorrências como *truvão/trovão*, seguido da estrutura CVC (peso relativo de 0,64), em ocorrências como *durmindó/dormindo* e *musquito/mosquito*. É importante salientar, no entanto, que foram raros os casos de palavras com a sílaba CCV, sendo praticamente os vocábulos *truvão* e *truvuada* os únicos que apresentaram esse formato. Nos dois casos, temos a consoante dental [v] em contexto subsequente à vogal em análise, o que já se mostrou um fator favorecedor para o alçamento.

O último grupo linguístico selecionado pelo programa foi o referente ao número de sílabas, com o seguinte resultado:

Tabela 15 – Vogal Posterior: Número de Sílabas

Fatores	Frequência	%	Peso Relativo	Exemplo
2 sílabas	32/237	13%	0,28	Tr[u]vão
3 sílabas	244/1298	18%	0,54	D[ur]mindo
4 sílabas ou mais	51/536	9%	0,49	S[u]vaqueira

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

As palavras trissilábicas foram as únicas que apresentaram peso relativo acima do ponto neutro, em ocorrências como *gurdura/gordura* e *bulacha/bolacha*. A maior parte

das palavras com vogal posterior analisadas neste estudo possuem três sílabas, sendo um fator que não parece exercer tanta influência para a ocorrência do alçamento. Porém, é possível estabelecer um paralelo desse grupo com o fator “posição e contiguidade”: quanto mais próxima a vogal pretônica estiver da vogal tônica (no caso desta ser uma vogal alta), maior a possibilidade de ocorrência do alçamento. Assim, pensando que a maioria das palavras da língua portuguesa são paroxítonas e que foram as palavras de três sílabas as que apresentaram um maior número de alçamentos, logo podemos concluir que as vogais pretônicas estão em posição contígua à sílaba tônica.

5.2.2.2 Variáveis Extralinguísticas

Com relação aos grupos referentes a fatores extralinguísticos, o grupo 12 - localidade - foi o que se tornou mais significativo para a ocorrência do alçamento, com os seguintes resultados:

Tabela 16: Vogal Posterior: Diatopia

Localidade	Canindé (CE)	Quixera- mobim (CE)	Russas (CE)	Iguatu (CE)	Ipu (CE)	Vacaria (RS)	Crato (CE)
Frequência	44/154	38/175	31/142	24/139	25/138	46/195	15/149
%	28%	21%	21%	17%	18%	23%	10%
Peso Relativo	0,79	0,78	0,72	0,63	0,61	0,58	0,51

Input 0,190; Log likelihood = -582,715 Significance = 0.007

Ao observar os resultados encontrados para a atuação da diatopia como condicionante para o fenômeno do alçamento, percebemos que, das sete localidades selecionadas, seis fazem parte do estado do Ceará, sendo o município de Canindé aquele que apresentou maior peso relativo, de 0,79. Comparando o resultado dos dados da diatopia no contexto vocálico anterior e posterior, é possível notar que o resultado foi diferente: no que diz respeito ao alçamento da vogal anterior, os dois estados apresentaram resultados semelhantes, tendo sido três municípios do Ceará e três municípios do Rio Grande do Sul selecionados pelo programa. Já no que diz respeito ao contexto posterior, são as localidades do Ceará que se apresentam como favorecedoras para o alçamento, já que todos os seis municípios do estado apresentaram peso relativo

acima de 0,50. A localidade de Canindé (CE) foi a que apresentou maior peso relativo para o alçamento, nos dois contextos (anterior e posterior).

Uma possível explicação para este resultado é a própria característica do *corpus* em análise: a maior parte dos vocábulos em que ocorreu o alçamento da vogal anterior no estado do Rio Grande do Sul possuem como vogal tônica uma vogal alta ou uma vogal média alta, como em *ferida, travesseiro, bezerro, menina, seguro, desvio*. Assim, como uma das características da fala sulista é a vogal média pretônica com timbre fechado, a vogal média alta [e] é mais próxima da vogal alta [i] do que a vogal média baixa [ɛ], favorecendo, assim, a ocorrência do alçamento. Já nos vocábulos nos quais ocorre o alçamento de vogal posterior, pertencentes ao *corpus*, ocorre a situação inversa: a maior parte das palavras do *corpus* possuem vogal tônica alta anterior, média baixa ou baixa, como em *dormindo, boteco, bodega e tomate*. Assim, na fala sulista predominou a manutenção da pronúncia da vogal média em grande parte dos casos, enquanto na fala nordestina ocorreu o alçamento mesmo em contextos não favorecedores.

5.2.3 Variável Diatópica

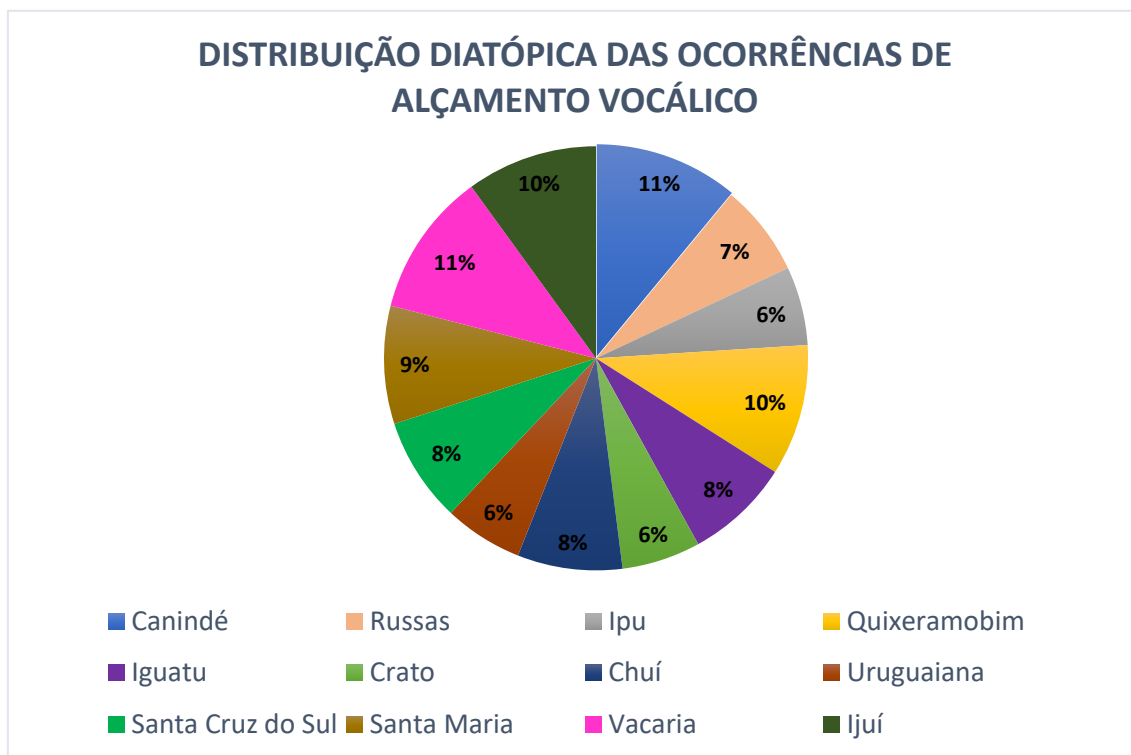
A diatopia, embora não seja considerada um fator de relevância para o fenômeno do alçamento, tanto em contexto anterior quanto em contexto posterior (cf. SILVA, 2008), apresentou números expressivos no que diz respeito ao alçamento da vogal posterior, sendo, inclusive, selecionada pelo programa de análise estatística como grupo de fator condicionante. Por este motivo, decidiu-se fazer uma análise da ocorrência geral do fenômeno em cada uma das localidades incluídas para a análise aqui apresentada, visto que uma das hipóteses defendidas neste estudo é a de que o alçamento é, sim, um fenômeno supradialetal, regido por fatores linguísticos, principalmente, e, em alguns casos, por fatores sociais, como sexo, idade e escolaridade.

Dentre as localidades que apresentaram o maior número de alçamentos (vogal anterior e posterior), estão o município de Canindé (CE), com 88 casos; e Vacaria (RS), com 84 casos. Como demonstrado anteriormente, na análise dos resultados referentes ao alçamento da vogal posterior, o estado do Ceará se destaca com ocorrências mais numerosas do fenômeno, visto que todos os municípios que fazem parte do estudo apresentaram pesos relativos acima do ponto neutro (0,50). Embora haja limitações no *corpus* analisado, a exemplo de um número maior de vocábulos com determinados contextos fonológicos que favorecem ou não o alçamento em algumas regiões, é

importante que se comparem os dados encontrados para que seja possível uma análise mais ampla e detalhada dos resultados de cada localidade.

A seguir, o gráfico demonstra os resultados da distribuição dos casos de alçamento vocálico do Ceará e Rio Grande do Sul:

Gráfico 6 – Distribuição Diatópica do Alçamento Vocálico: CE e RS



Fonte: autoria própria

O gráfico demonstra, de forma bastante clara, o equilíbrio da distribuição do número total de casos de alçamento nos municípios pertencentes aos dois estados. Assim, é possível afirmar que a diatopia não parece ser um fator significativo para a ocorrência ou não do fenômeno. As localidades que apresentaram o menor número de alçamentos totais foram Ipu (CE), Crato (CE) e Uruguaiana (RS), com percentual de 6% cada do total de ocorrências. Um caso a se analisar com atenção é a localidade de Ipu (CE): embora o número total de casos de alçamento não seja tão expressivo, vale ressaltar que, das 45 ocorrências totais, além de todas terem sido emitidas por informantes da faixa etária 2, a informante mulher foi responsável por 42 ocorrências do número total.

Ao observar atentamente a aplicação de todos os grupos de fatores e a análise feita a respeito das variáveis que favorecem ou não o alçamento vocálico, em contexto anterior e posterior, é possível chegar a algumas conclusões, ainda que não definitivas: embora a variável diatopia tenha sido selecionada nos dois contextos, anterior e posterior, é possível notar que os resultados foram diferentes para cada contexto e que a explicação recai para razões de nível linguístico. Assim, parecem ser realmente as variáveis linguísticas as principais responsáveis para a ocorrência do fenômeno em questão.

Outra observação importante a ser feita é que, tanto para o alçamento da vogal anterior quanto para o alçamento da vogal posterior, o grupo que foi selecionado pelo programa como o mais importante foi um grupo linguístico, o grupo referente à vogal tônica, que na maioria das vezes diz respeito a um segmento vocálico com articulação alta, explicado por um processo de harmonia vocálica (assimilação). Esse resultado comprovando aquilo que já foi demonstrado em outros estudos, tais como o estudo de Araújo (2007) sobre a fala popular de Fortaleza; o estudo de Bisol (1981) sobre o falar gaúcho; e o estudo de Kailer (2012) sobre a fala do Paraná: em um processo de harmonia vocálica, ou seja, de assimilação, a vogal média tende a ser alçada, em alguns casos, com a presença da vogal alta em posição acentuada ou até mesmo em posição átona seguinte à vogal em análise.

A maior parte dos alçamentos ocorreu em vogais médias anteriores, nos dois estados: dos 767 casos totais de alçamento, 440 ocorreram na vogal anterior, ou seja, 57% dos casos totais. Porém isso se explica pelo *corpus* em análise que possui mais vocábulos com vogal pretônica anterior do que com vogal posterior. De todo modo, sendo a vogal média anterior ou posterior, é a vogal alta, em posição tônica ou átona seguinte, que promove o contexto linguístico favorecedor para o alçamento.

Com relação aos fatores extralinguísticos sociais, sexo e idade, o sexo não foi selecionado pelo programa como favorecedor em nenhum dos dois contextos, e a idade/faixa etária foi selecionada como importante para o alçamento da vogal anterior, porém com peso relativo muito próximo do ponto neutro. Assim, embora a análise mostre que o alçamento de vogal anterior é mais comum na fala de pessoas mais velhas, a diferença não é significativa, podendo levar à conclusão que o alçamento vocálico é um fenômeno de variação estável e que não deve ser interpretado como uma mudança em curso, visto que muitos falantes jovens realizam o alçamento quase categórico em vocábulos que fazem parte do nosso dia a dia, como é o caso de *pratadeira/prateadeira*, *tisoura/tesoura*, *durmindu/dormindo* e *firida/ferida*, sem nenhum tipo de estigma.

5.3 ASPECTOS FONOLÓGICOS DO ALÇAMENTO NOS DADOS ESTUDADOS E SÍNTESE DOS RESULTADOS

Conforme observado nos resultados encontrados no presente estudo, as principais motivações para a ocorrência do alçamento se deram por questões de ordem estritamente linguística. Além de ter sido comprovado nos dados que a maioria dos casos de alçamento é causada pela presença de uma vogal alta na sílaba tônica ou na sílaba átona seguinte, o que diversos estudos já haviam atestado, cf. Bisol (1981), Silva (2007) e Araújo (2008), os segmentos consonânticos precedentes e subsequentes se mostraram favorecedores para o fenômeno. No entanto, vale destacar que o alçamento pode ocorrer por processos fonológicos distintos entre si.

Quando o falante emite vocábulos como *firida* e *bunito*, o que ocorre é um processo de assimilação: os traços de altura da vogal tônica ou átona seguinte são assimilados pela vogal média e esta acaba sendo emitida como vogal alta. De acordo com Matzenauer e Miranda (2017)

O fenômeno assimilatório é caracterizado como um processo de espraiamento de traços: seja pela extensão da raiz, como no caso das assimilações completas; seja pela extensão de um traço terminal, como os traços de ponto; ou ainda pela extensão de nós intermediários casos em que há assimilações parciais. (MATZENAUER; MIRANDA, 2017, p. 55 e 56).

Assim, a Teoria dos Traços Distintivos oferece o suporte necessário para a análise de fenômenos fonológicos, tais como o alçamento, sendo os traços as unidades operacionais de base para a explicação da ocorrência ou não das variações.

Já em casos como *culher* e *bulacha*, o que ocorre é um processo de neutralização, que é a perda de traços que distinguem os fonemas /o e u/ nesse contexto, nos vocábulos em análise. Muitos desses casos são tratados como sem motivação aparente (cf. Bisol, 2009), porém aqui há uma tentativa de explicar através de fatores linguísticos, a exemplos das consoantes precedentes e seguintes, alguns desses casos.

Ao analisar os vocábulos que integram o *corpus* do presente estudo, é possível notar determinados padrões que justificam o alçamento e o não alçamento, e perceber que, no geral, todos os casos possuem uma explicação de ordem linguística.

Na análise das vogais pretônicas anteriores, percebeu-se que há determinados contextos vocálicos que praticamente impedem a ocorrência do fenômeno. Assim, ao

agrupar determinadas palavras que possuem a mesma vogal em posição tônica ou átona seguinte, foi possível perceber casos em que não ocorreu variação e as vogais médias foram mantidas.

O quadro a seguir demonstra alguns vocábulos nos quais o fenômeno não ocorreu ou ocorreu em um número muito pequeno de casos nas vogais médias anteriores [e, ε]:

Quadro 2 – Vocábulos em que não ocorreu o Alçamento Vocálico (ou ocorreu raramente): vogais anteriores

TÔNICA [e] NASAL OU NASALIZADA	VOGAL ÁTONA SEGUINTE [e]
TERRENO	TELEVISÃO
FERVENDO	FEVEREIRO
PRESENTE	REDEMOINHO
SETEMBRO	MEXERICA
DEZEMBRO	VENEZIANA
VOGAL ÁTONA SEGUINTE [ɛ]	VOGAL ÁTONA SEGUINTE [u]
PERNAMBUCANO	PERGUNTAR
TÔNICA [ε]	VOGAL ÁTONA SEGUINTE [a]
GELEIA	CERRAÇÃO
PRESEPIO	BERGAMOTA

Nos vocábulos em que a vogal tônica era [e], nasal ou nasalizada, não houve nenhum caso de alçamento. No vocábulo *presente*, por exemplo, alguns falantes emitiram a vogal fechada (*pr[e]sente*) e outros emitiram a vogal aberta (*pr[ε]sente*), porém nenhum falante produziu como *pr[i]sente*. Se analisarmos o contexto consonântico antecedente e subsequente, é possível encontrar exemplos de outros vocábulos que possuem a mesma estrutura e nos quais ocorre o alçamento, a exemplo de *prisunto/presunto*. Outros exemplos poderiam ser apresentados aqui: *nuvela/novela*, mas não *nuvembro*. Assim, de acordo com os dados aqui encontrados, pode-se afirmar que a vogal tônica [ẽ] inibe a ocorrência do alçamento.

A vogal átona seguinte [e] também se mostrou desfavorecedora do alçamento, porém aqui há uma observação interessante a se fazer: os vocábulos que possuem essa vogal no contexto seguinte possuem como semelhança o fato dela aparecer de forma duplicada (*televisão*, *veneziana*, *mexerica*, *fevereiro*). Em todos os casos, ou não ocorreu o alçamento de nenhuma das duas vogais pretônicas (*veneziana*, *fevereiro*) ou ocorreu o alçamento de ambas (*tilivisão*, *mixirica*). Nos casos em que ocorreu o alçamento duplo, a

vogal átona seguinte ou tônica era a vogal alta [i]. Assim, o alçamento pode ser explicado pelo processo de harmonia vocálica.

Já a vogal [ɛ], em posição tônica, também se mostrou inibidora do alçamento. No entanto, no presente estudo só há os vocábulos *geleia* e *presépio* com esse contexto. Pode-se traçar um paralelo entre a vogal [ɛ], uma média-baixa, com a vogal central baixa [a]: nas palavras em que a vogal tônica era uma vogal baixa, raramente ocorreu o alçamento: *p[e]cado/p[ɛ]cado* (mas não *p[i]cado*), *m[e]dalha/m[ɛ]dalha* (mas não *m[i]dalha*), *g[e]leia/g[ɛ]leia* (mas não *g[i]leia*). Assim, a altura da vogal pode ser apontada como desfavorecedora do alçamento, sendo as vogais baixas as que mais inibem a ocorrência do fenômeno. Isso explicaria o fato da ausência de alçamentos nos casos em que a vogal átona seguinte é [a], como em *c[e]rração/c[ɛ]rração* (mas não *c[i]rração*) e *b[e]rgamota/b[ɛ]rgamota* (mas não *b[i]rgamota*).

Por fim, as vogais [a] e [u], nasal ou nasalizadas, em posição átona seguinte, parecem, também, desfavorecer o alçamento vocálico, em vocábulos como *pernambucano/p[ɛ]rnambucano* (mas não *p[i]rnambucano*) e *p[e]rguntar/p[ɛ]rguntar* (mas não *p[i]rguntar*).

Com relação à vogal pretônica posterior, também foi possível observar, em menor número, alguns padrões de não alçamento, conforme o quadro a seguir:

Quadro 3 – Vocábulos em que não ocorreu o Alçamento Vocálico (ou ocorreu raramente): vogais posteriores

TÔNICA [ɔ]	TÔNICA [e]
COTÓ	CORREIO
GORÓ	CORRENTEZA
	TORNOZELO

Nos casos em que a vogal tônica é [ɔ], não houve variação: todos os falantes emitiram o vocábulo com vogal média pretônica aberta, incluindo os falantes do sul, e em nenhum caso ocorreu alçamento. Isso pode ser explicado pela natureza da vogal tônica: por se tratar de uma vogal média baixa, a altura da língua para emissão da vogal alta acaba impedindo o alçamento, sendo conservada a vogal média baixa em posição pretônica. No *corpus* em análise, somente os dois vocábulos do quadro possuem esse contexto (*cotó* e *goró*), sendo ambos dissílabos iniciados por uma consoante velar.

Assim como observado no quadro referente às vogais anteriores, a vogal média-alta [e] se mostrou desfavorecedora do alçamento: no caso das vogais posteriores, quando em posição tônica, o [e] impediu a ocorrência do fenômeno, em vocábulos como *correio*, *correnteza* e *tornozelo*.

Assim, com base nos resultados encontrados para o alçamento das vogais anteriores e posteriores no presente *corpus*, é possível chegar às seguintes conclusões:

- o alçamento das vogais médias pretônicas parece ser regido, principalmente, por fatores linguísticos, em especial a natureza (alta) da vogal que aparece depois da vogal em análise e de alguns segmentos consonantais. Além disso, parece ser muito mais importante a presença de uma vogal alta [i] próxima à vogal em análise do que o fato dessa vogal alta estar ou não em posição tônica;
- apesar de a vogal tônica ser considerada o principal condicionante para o alçamento, a vogal átona seguinte à vogal em análise também possui influência sobre o fenômeno do alçamento;
- a vogal alta, anterior e posterior, oral e nasal, representa um importante fator favorecedor para a ocorrência do alçamento vocálico, sendo o fenômeno explicado por um processo de assimilação;
- embora apenas três vogais átonas tenham sido selecionadas nesta pesquisa como favorecedoras para o alçamento da vogal posterior, elas apresentaram alto peso relativo. Outro aspecto importante: a maior parte dos vocábulos pertencentes ao *corpus* analisado neste trabalho são palavras com vogal posterior, com a estrutura *vogal pretônica – sílaba tônica*, como *dormindo*, *assovio*, *trovão*, *colher* e *boteco*;
- o grupo das consoantes, na análise dos resultados encontrados para o alçamento das vogais anteriores e posteriores, mostrou-se como de grande impacto para o alçamento da vogal média pretônica. Em posição subsequente, ou seja, na posição que segue a vogal em análise, muitas consoantes se mostraram favorecedoras para o fenômeno, sendo os segmentos palatais e bilabiais os que alcançaram o maior peso para as vogais posteriores;
- em praticamente todos os casos aqui estudados, há explicações de assimilação de traços que podem estar atuando até de forma mais incisiva do que a vogal tônica: analisando o vocábulo *colher*, por exemplo, que apresentou alto índice de alçamento, vemos que a consoante antecedente à vogal em análise é uma oclusiva

velar. Assim, sendo a vogal [o] uma vogal palatal e a vogal [u] uma vogal velar, há muito mais proximidade articulatória entre [k] e [u] do que entre [k] e [o];

- com relação à estrutura silábica, foram raros os casos de palavras com sílaba formada pela estrutura CCV que apresentaram alçamento de vogal posterior, sendo praticamente os vocábulos *truvão* e *truvuada* os únicos que apresentaram esse formato;
- há casos em que o fenômeno ocorre mesmo em contextos aparentemente sem causa aparente ou que fogem à regra de harmonia vocálica;
- embora haja um maior número de falantes mais velhos que realizam o alçamento, a diferença é muito pequena, o que pode demonstrar que o alçamento é um processo de variação estável e bastante difundido, presente em todas as faixas etárias.

A partir dessas observações, e retomando as hipóteses estabelecidas nesta pesquisa, é possível afirmar que a análise possibilitou responder às questões-problema, comprovando que o alçamento vocálico é um fenômeno amplamente difundido em todas as regiões do Brasil e em todas as faixas etárias e sexos, sendo favorecido e desfavorecido por questões de ordem linguística.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou o fenômeno do alçamento vocálico nos estados do Ceará e Rio Grande do Sul, no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. As hipóteses definidas para este trabalho foram três: 1) não há influência significativa da diatopia para a ocorrência do alçamento vocálico; 2) o alçamento é regido, na maioria dos casos, por regras intralinguísticas, tais como presença da vogal alta na sílaba tônica e influência de certos segmentos consonânticos precedentes e seguintes; 3) alguns fatores de ordem linguística impedem a ocorrência do alçamento vocálico.

A investigação dos dados ocorreu mediante a análise dos grupos de fatores escolhidos, levando em consideração as bases metodológicas da Dialectologia e da Sociolinguística.

Os resultados aqui encontrados demonstram que o alçamento é, de fato, um fenômeno supradialetal (cf. Silva, 2008), regido quase que exclusivamente por fatores de ordem linguística, conforme estabelecido na primeira hipótese deste estudo. A maioria dos casos é explicada por processos de assimilação ou neutralização, sendo a harmonia vocálica a principal responsável pelas ocorrências de alçamento vocálico.

No que diz respeito às diferenças entre os dois estados, quanto à frequência do alçamento ou quanto aos fatores linguísticos e sociais que o favorecem, foi possível perceber que os dois estados apresentaram números muito próximos de casos totais de alçamento, sendo que as principais motivações foram fonológicas, e não extralinguísticas. O que parece, de fato, motivar o aparecimento da vogal alta ou o desfavorecimento da ocorrência do alçamento é a presença de certos segmentos vocálicos e consonantais em contexto vizinho ao da vogal em análise.

Esses resultados coincidem com diversos estudos já realizados no Brasil sobre o fenômeno que alça as vogais médias pretônicas, a exemplo de Bisol (1981), em seu estudo pioneiro sobre harmonia vocálica; Araújo (2007), em seu estudo sobre as pretônicas de Fortaleza; Silva (2008), em seu estudo sobre as vogais pretônicas na fala culta de Recife etc.

Algumas palavras são, no geral, de elevada frequência para a ocorrência do alçamento, como é o caso de *pratadeira/prateadeira*, *bunito/bonito* e *disvio/desvio*, realizações muito comuns no cotidiano de qualquer falante brasileiro, seja ele de nível superior ou não. Esses casos podem ser explicados por questões intralinguísticas: o caso

de *disvio* pode ser explicado pelo /S/ em coda, já que esse alteamento é quase categórico em nomes como *dismaio/desmaio* (frequente nos inquéritos), *iscola/escola*, *istômago/estômago* etc. Além disso, no caso de *disvio*, há a presença da vogal alta [i] em posição tônica, o que caracteriza um processo de harmonia vocálica, ou seja, há dois fatores atuando para favorecer o alçamento.

O caso de *bunito* pode ser explicado por influência da consoante bilabial antecedente [b], provocando maior labialização da vogal, de [o] para [u], além da presença da vogal alta na sílaba tônica, que é o fator mais importante para o alçamento. Os casos de *pratadeira*, *tisoura*, *distino* podem estar relacionados às consoantes /t,d/, oclusivas que, diante de [i] (fonológico ou derivado das vogais médias [e/ɛ]) tanto em sua realização palatalizada quanto dentalizada, favorecem o alçamento da vogal média.

Há também palavras em que ocorre o alçamento sem motivação aparente, como em *tumate/tomate*. Segundo Bisol (2009, p. 82) a análise do alçamento sem condicionador fonético, embora de uso restrito na fala do sul, permite destacar peculiaridades que a identificam como um processo de difusão lexical.

A autora, ao continuar tratando dos casos onde o alçamento ocorre sem motivação aparente, define esse fato como “um processo difusionista que privilegia certas partes do léxico ou certas variedades de fala para expandir-se gradualmente, independentemente de uma específica motivação aparente” (BISOL, 2009, p. 86). Assim, algumas palavras seriam mais sensíveis à ocorrência do alçamento, sendo frequentemente emitidas com vogal alta pelos falantes, sem que essa questão se torne alvo de estigmas.

A respeito dos fatores sociais, os dados demonstraram que esses não possuem tanta relevância para a ocorrência ou não do fenômeno, sendo a faixa etária o único grupo selecionado pelo programa. Em estudos sobre o alçamento é comum verificar que o mesmo é mais comum na fala de informantes mais velhos e menos escolarizados. Isso pode ser explicado pela visão negativa que essa fala carrega, não sendo a forma tida como de prestígio – as vogais médias fechadas. Porém, a diferença, em números, nos resultados é muito pequena. No geral, os informantes mais velhos tendem a realizar mais alçamento, no entanto isso não tem se mostrado como fator primordial para a ocorrência do fenômeno, e sim os grupos referentes às variáveis linguísticas.

Margotti e Brod (2013), em estudo sobre o alçamento na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, também com dados do Projeto ALiB, concluíram após a análise quantitativa do alçamento que a vogal média posterior /o/ mostrou não haver associação significativa entre as variáveis dimensão diasssexual, diastrática e diageracional e o

fenômeno estudado. O alçamento da vogal média alta posterior /o/ foi mais recorrente para o grupo de informantes com idades entre 50-65 anos (14,7%), resultado que coincide com o encontrado neste estudo, que também conta com dados de um estado da região Sul do Brasil. A variável sexo não se mostrou significativa para o alçamento, em contexto anterior ou posterior.

Ainda a respeito da faixa etária, dentre outros fatores sociais, Rocha e Brandão (2015, p. 360;362), em estudo geo-sociolinguístico sobre as vogais médias pretônicas na região sudeste, afirmam que, do ponto de vista social, há uma maior incidência de variantes altas na fala dos indivíduos mais velhos, o que indica que o alçamento, mesmo sendo estável ao longo dos anos, parece apresentar sinais de regressão.

Hora (2013), em estudo sobre o dialeto recifense, também atestou que os fatores sociais *sexo* e *idade* parecem não exercer grande influência sobre o fenômeno do alçamento, em casos de harmonia vocálica. Os fatores que se mostraram relevantes em seu estudo foram apenas de cunho linguístico, como vogal seguinte, contexto fonológico seguinte e precedente, contiguidade etc.

Sobre a diatopia, aqui confirmou-se a hipótese definida neste estudo: o alçamento vocálico é um fenômeno supradialetal que atinge igualmente falantes de diferentes regiões do Brasil. Comparando os resultados do Ceará com os do Rio Grande do Sul, verificou-se pouca diferença do número de ocorrências de alçamento. No que diz respeito às vogais posteriores, o Ceará apresentou pesos relativos um pouco acima dos encontrados no Rio Grande do Sul. Já na análise das vogais anteriores, os resultados foram semelhantes.

Alguns fatores causaram uma certa limitação para o estudo, em especial o atual momento histórico em que estamos vivendo: o contexto da pandemia. A falta de acesso à universidade e, conseqüentemente, a livros e às fichas e dados dos informantes do Projeto ALiB, causou muitas dificuldades para a realização da pesquisa.

Espera-se com esse estudo contribuir para o estudo da variação linguística do ponto de vista fonético-fonológico, colaborando com as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas a respeito das vogais médias pretônicas e os diversos fenômenos a que essas estão expostas, em especial o alçamento vocálico. Além disso, buscou-se aqui encontrar explicações de cunho linguístico que pudessem explicar os alçamentos ditos como “sem motivação aparente”, visto que a maioria dos casos é explicada pela harmonia vocálica.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro da Silva. Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. **Documentos 2**: projeto atlas lingüístico do Brasil / Jacyra Andrade Mota; Suzana Alice Marcelino Cardoso (Orgs.). Salvador: Quarteto, 2006. p. 35-61.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. Fortaleza: UFC, Faculdade de Letras, 2007. Tese de Doutorado em Lingüística.
- BAEHRENS, W. A. **Appendix Probi**. Disponível em: <https://archive.org/details/sprachlicherkomm00baeh/page/86/mode/2up>
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. – 5 ed., ver. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 59-85, 2010.
- BISOL, Leda. O açamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (Orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.
- BISOL, Leda. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CALVET, Jean-Louis. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004 [1970].
- CARDOSO, S. A. M. Diatopia e diastratia no português do Brasil: prevalência ou convivência? In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana, MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 359-376.
- CARDOSO, S. A. M. et al. (Org.). **Documentos 4**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013.
- CARDOSO, S. A. M. **O Atlas Linguístico do Brasil**: uma visão crítica dos caminhos seguidos e perseguidos. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Linguística Histórica, Universidade de São Paulo, São Paulo, fev. 2012.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolingüística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASAGRANDE, G. P. B. **Harmonização vocálica** : análise variacionista em tempo real. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. 2004.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Traducción: Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHENG, C.C.; WANG, W.S.Y. Implementation of Phonological Change: The Shuang feng Chinese Case. In: wang, w.sy.(ed.) **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, p.148-158. 1977.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários**. Londrina: Eduel, 2001.

CUNHA, Celso. Conservação e Inovação no Português do Brasil. In: **O eixo e a roda**. Belo Horizonte, Vol. 5, 1986.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FACHIN, O. **Fundamentos da Metodologia**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FELICE, Ana Carolina Garcia Lima. **Um estudo variacionista e fonológico sobre o acentamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense**. Dissertação de Mestrado. UFU. Uberlândia, 2012.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, Dermerval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017.

HORA, Dermerval da; VOGLEY, Ana. Harmonia vocálica no dialeto recifense. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 63-81, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/37879/27132> > Acesso em 21 jul 2020.

HORA, Dermerval da; PEREIRA, Regina Celi M. Vogal da sílaba seguinte: uma restrição ao comportamento das médias pretônicas. **Graphos**, vol. III, n. 1, João Pessoa, PPGL/UEPB, p. 63-74, 1998. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9399/5054>. Acesso em 12 mai 2021

- KAILER, Dircel Aparecida. Alçamento da vogal pré-tônica [o] em duas regiões paranaenses. **Signum: Estudos Linguísticos**, n.15, v.1, p.201-221, Londrina, 2012.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MAGALHÃES, José. Vogais pretônicas. In: TELLES, Célia M. [et al.]. **História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro**. Coordenador geral: Ataliba T. de Castilho; coordenadores: Dermeval da Hora, Elisa Battisti, Valéria Monaretto. São Paulo: Contexto, 2019, p. 71 e 72.
- MARGOTTI, Felício Wessling; BROD, Lilian Elisa Minikel. Estudo exploratório do alçamento das vogais médias /e o/ no ALiB: dados de Florianópolis. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso no 47**, 2013, p. 125-144.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana, MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 219-250.
- MATZENAUER, Carmen L. B. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 11-81.
- MATZENAUER, Carmen L.; MIRANDA, Ana R. M. Teoria dos traços. In: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen L. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 47-63
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. 2ª ed. – Salvador: EDUFBA, 2016. p. 221-252
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. **Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil / Jacyra Andrade Mota; Suzana Alice Marcelino Cardoso (Orgs.)**. Salvador: Quarteto, 2006.
- MOTA, Jacyra. O alçamento das vogais médias no *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). **Encontro do Programa para a história do português do Brasil (PHPB) – Bahia**. Salvador, 2015. Comunicação.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].
- NASCENTES, Antenor. Divisão dialetológica do território brasileiro. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922]. p. 93-99
- OLIVEIRA. M. A. Aspectos da difusão lexical. **Estudos Lingüísticos**, Belo Horizonte. v. 1, p. 31-41, jul/dez. 1992

PAIM, Marcela. M. T.; MENEZES, V. A. O alçamento das vogais médias pretônicas em Salvador. **Caderno de Letras** (UFPEL), v. 1, p. 139-151, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7297/5110>> Acesso em 28 ago. 2020.

PAIM, Marcela Moura Torres. Variação e Ensino no Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Línguas e Letras (Paraná)**. v. 17, n. 35, p. 71-85, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12576> Acesso em 15 jul 2020.

PONTES, Ismael. Alçamento do [e] pré-tônico no falar rural das regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná. In: **Seminário do GEL** (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), n.49, Marília. 2001. (Comunicação oral).

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001**: a multivariate analysis application for Windows. User's manual. 2001.

ROCHA, F. de M. V.; BRANDÃO, S. F. Vogais médias pretônicas na fala da Região Sudeste: um panorama geo-sociolinguístico. **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 333-364, jun. 2015.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v.13, n° 02, p. 203 ---242, jul./dez. 2013.

ROSSI, Nelson. A dialetologia. **ALFA**, Marília, n 11, p. 89-116, 1967.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHWINDT, L. C. da S. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país**: uma análise variacionista. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

SILVA, Myrian Barbosa. Pretônicas fechadas na fala culta de Recife. In: VOTRE, S.; RONCARATTI, C. (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7Letras, 2008. p. 320-336.

TAGLIAMONTE, S. **Variationist sociolinguistics**: change, observation, interpretation. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 25-70.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

TEYSSIER, P. **Histoire de la langue portugaise**. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolinguística. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 1987.